

LIRIOS E ROSAS.



LIRIOS E ROSAS.

VERSOS

DE

José Elisiário da S. *Quintanilha*



SANTA CATARINA.

TYP. DESTERRENSE DE J. J. LOPES,

RUA DA TRINDADE N. 1.

1863.

Biblioteca Central - UFSC-

Nº 99.829 - 6

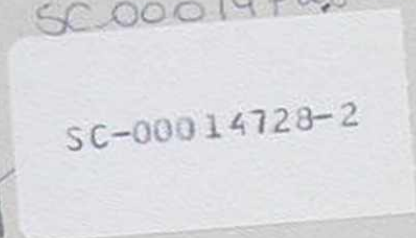
Data 22 10 1981

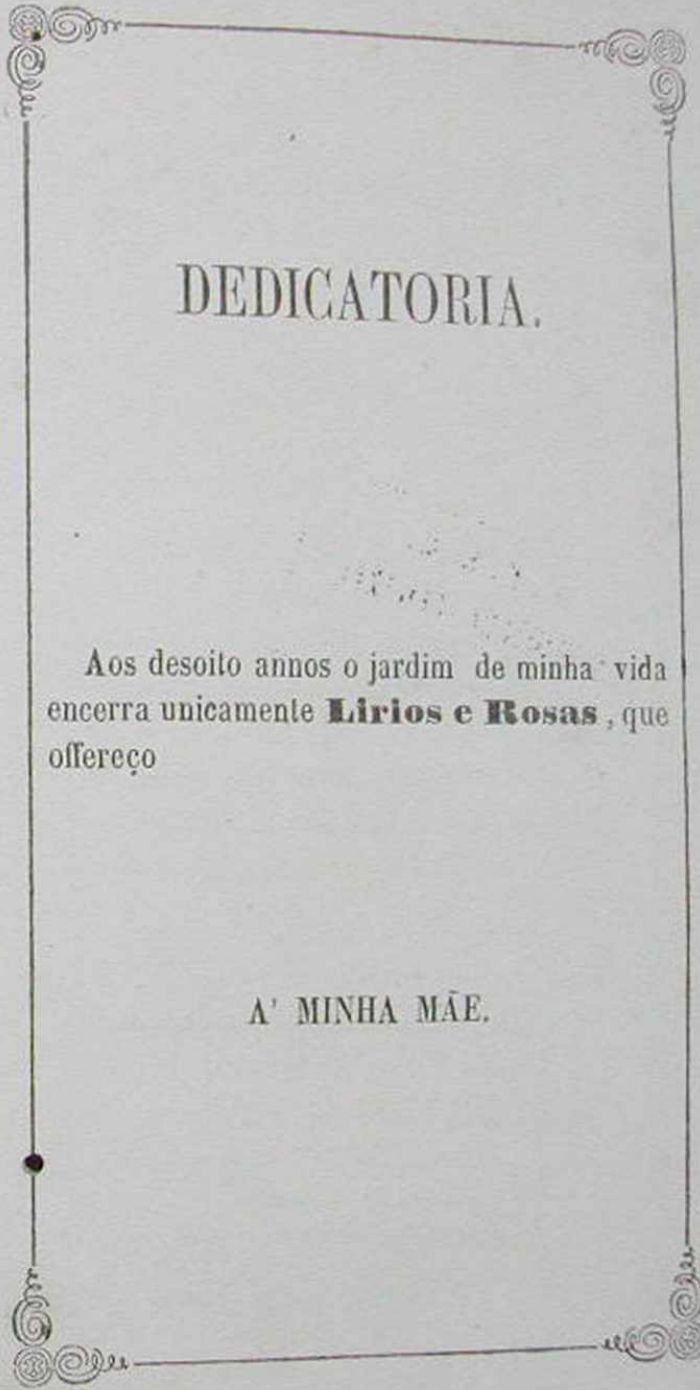
CERC

869.0(816.4)-1

Q 7-1

SC-00014728-2





DEDICATORIA.

Aos dezoito annos o jardim de minha vida
encerra unicamente **Lirios e Rosas**, que
offereço

A' MINHA MÃE.

U. F. S. C.
BIBLIOTECA CENTRAL

Reg. nº _____

A' . . .

Donzella, d'olhos puros, scintillantes
Onde o fulgor do sol é retratado ;
Donzella, de cabellos ondulantes ,
De rosto roseo, lindo, avelludado ;
Donzella, que em momentos de tristesa
Jamais me tens sequer abandonado :
Permitte que da infancia os mais queridos
Canticos meos te sejam off'recidos !

A's vezes — quantas vezes ! — tu á sombra
Do copado jambeiro á sós comigo ,
Sobre de flôres elegante alfombra
Do rigor do verão celeste abrigo ;
Unindo minha voz ao doce canto
Do sabiá saudoso: — ás vezes, digo ,
Entre fallas de amor, entre carinhos ,
Adormeceste sonhando com anginhos !

D'esses momentos de sereno goso
São filhos estes meos cantos queridos !
E agora prazer sinto, anjo formoso ,
Em recordar os dias já fugidos !
— A idade avança, — fogem alegrias !
Cresce a saudade, — os gosos vão perdidos !
— Quantas recordações, ó doce encanto,
Verás em cada verso, em cada canto !

LIRIOS E ROSAS da querida infancia
N'estes meos cantos tu verás, aqui !
E destas flôres se a subtil fragancia
Poder, ó anjo, contentar a ti ;
E por ventura se teos lindos olhos ,
Ao lêr os cantos que p'ra ti 'screvi ,
Sejão molhados de saudoso pranto :
Terás me dado mais que um regio manto !

I

DEOS!

Quem dá tantos perfumes á rosa purpurina
Que nasce encantadora no prado a alvorecer ?
Quem dá tantos fulgores á estrella matutina
Que vê-se no horisonte brilhante apparecer ?

Quem faz a selva agreste tornar-se marchetada
Das flôres mais mimosas, — da rosa e do jasmim ?
Quem faz a pulchra aurora surgir como encantada
Por traz de bellas nuvens, tingindo-as de carmim ?

Quem faz de dia o sol divagar na immensidade
Banhando o Universo com seductora luz ?
Quem faz depois a lua, — o astro da saudade ,
Ao sol vir succedendo com astros mil á flux ?

Quem dá aos ribeirinhos que correm descansados
Nas selvas magestosas tão ledo serpejar ?
Quem dá bellos peixinhos, nas formas variados ,
Ao rio das campinas, ao soberbo mar ?

Quem dá ao mar undoso altissimas montanhas
Que quasi vão os cimos ás nuvens encostar ?
Quem dá ao mar undoso—vallados, que as entranhas
Do abysmo ao viajante parecem lá mostrar ?

Quem faz que raios fendão montanhas de negrumes,
E em direcções incertas vagueiem pelos céos ?
Quem dá-me inspiração, quem dá dubios perfumes,
A' minha joven Musa, a estes versos meos ?

Eu sei ! eu sei ! E' Deos
Quem dá perfume á rosa ,
Quem faz surgir garbosa
A estrella da manhã !
E' Deos quem torna bella
A selva umbrosa, agreste ;
Deos é que a aurora veste
De côres de romã !

E' Deos que faz de dia
Vagar na immensidade
O rei da claridade ,
Dos mundos o pharol !
E' Deos que faz a lua
Com mil milhões d'estrellas
Brilhar em noites bellas
Em vez do quente sol !

E' Deos que aos ribeirinhos
Dá ledo serpejar !
Deos é que dá peixinhos
Ao rio e ao salso mar !
Deos é que nelle forma
Altissimas montanhas ,
E cavas que as entranhas
Do abysmo vão mostrar !

E' Deos quem dá ao raio
Velocidade estranha !
Quem manda-o a entranha
Da terra vir sondar !
— Castellos de negrumes ,
Barreiras portentosas ,
Desfaz, quaes fossem rosas
No espaço a volitar !

Eu sei ! eu sei, que é Deos, o Autor do Universo ,
Que á minha joven Musa dá inspiração !
Eu sei que é Deos—SENHOR,—pois em prazer immerso
Eu vejo o Universo prestar-lhe adoração !

II

MINHA MÃE.

I

A's vezes presinto meo peito em torturas,
Cruéis amarguras, terrível penar ;
A fronte abatida nas mãos eu descanso ,
E durmo, se canço de tanto chorar.

Mas quando me accordo c'os olhos chorosos,
Pois sonhos luctuosos tivera a dormir ,
Mamãe me alegrando, me diz: — Esperança !
Socega, criança ! tem fé no porvir !

— Mamãe, esperança me dizes que tenha
P'ra que não provenha mais dôres a mim ?
Mamãe, p'ra que mandas ter fé no futuro ,
P'ra mim tão escuro, tão tetrico emfim ?

— Não é teu presente tão cheio de flores ?
Não cantas amores na lyra infantil ?
Que importa o futuro, se a nós é vedado,
Se a Deos é só dado tornar-o gentil ?

Te importa o futuro ? Não sabes, criança,
Que tendo esperança, terás o porvir ?
Não sabes que tendo na lyra só flores
Não deves horrores além presentir ?

Tem fé no Eterno ! Não lemas rigores,
Não lemas que horrores o Eterno te dê !
Pois Deos é bondoso, não dá-nos desdita !
Meo filho, acredita ! No Eterno tem fé !

Sê bom ! que terás—não duvides—um premio,
Irás para o gremio dos homens de bem !
E então, ó meo filho, de goso cercado,
Dirás ao passado, que fica-te além :

— Mamãe, tu fallaste verdade celeste
No que me disseste na idade infantil :
— Que importa o futuro, se a nós é vedado,
Se a Deos é só dado tornar-o gentil ?.....

— Depois se pensando nos LIRIOS E ROSAS,
Que em veigas formosas estão a sorrir,
Com fé dentro d'alma, esperança no peito,
O magico effeito d'amor a sentir,

Lhe offerto um sorriso, — sorriso ditoso ,
Porque venturoso bem é meu viver ,
Um canto me pede que diga — ventura....
E a lyra é — doçura ! e o canto é — prazer !

Escuta meo canto.... sorri-se ! Esperança ,
Me diz, ó criança, já tens dentro em ti ?
Agora eu te vejo qual ver-te desejo !
Na frente um só beijo me dá, e sorri !

II

Ai ! Deos ! meo Deos ! Se muitas vezes choro ,
E' que me lembro d'infeliz porvir !
E' que me lembro que Mamãe que adoro
Póde bem cedo do viver fugir !

E' que me lembro que se fôr lançado
Ao fero mundo que despresa um ai ,
Sem ser sequer por Minha Mãe amado ,
Sem ser sequer por meo querido pai ;

Terei martyrios, — soffrerei horrores ,
Como soffri no meu passado já !
Ah ! Deos, não roubes quem minora as dores
Deste teu filho, que chorando está !

No meo passado supportei insultos ,
Aos quatro annos conheci a dôr !
Depois tornaste—por querer—sepultos
Tantos martyrios, me inspirando amor !

Amor me tem offerecido gosos ,
Tem dado rosas ao infantil trovar !
Lirios tão puros, divinaes, formosos ,
Materno amor só me podia dar !

Mas.... ah ! se tu da minha vida o anjo ,
Se tu me roubas quem me deo o ser,
Não quero a vida ! O sepulchral archanjo
Abra-me as azas, quero ahi viver !

Morro, morrendo quem me dá ventura ,
Quem me consola quando sinto dôr !
Quem dá-me beijos—quando vê doçura
Nos cantos meos—de minha frente á flôr !

Morro, morrendo quem me diz:—Espera !
Deos te ha de dar um divinal porvir !
— A frente minha em que este amor impera
Deve com ella para as campas ir !

III

VELA MEU CANTO.

Vela, vela, anjo formoso ,
O meu juvenil trovar !
Dá-lhe um sorriso bondoso ,
Dá-lhe um sorriso amoroso
Que o possa vir alegrar !

Vela, vela este meus cantos,
Dá-lhes ventura e prazer !
Dá-lhes doçuras e encantos,
Dá-lhes d'esses gosos santos
Que me tem feito viver !

Desses gosos que tornarão
A minha vida feliz !
E que meu peito abrasarão,
E que meu peito enleirão
Em sonhos, gosos febris !

Dá-me um sorriso bondoso
D'esses que os anjos só tem !
E que torne mais ditoso
O vale, que no amoroso
Céo d'amor só acha o bem !

Vela, vela ó meu infante,
O meo primeiro trovar,
Que terás no peito amante
Um throno mais rutilante
Que o dos reis:— terás altar !

E n'esse altar o meu canto
Fielmente deporei !
E tu dar-me-has o encanto
D'esse berço puro e santo
Da patria que além deixei !

Vela, vela, anjo formoso,
O meu juvenil trovar !
Dá-lhe um sorriso amoroso,
Que me verás orgulhoso
Por ti a Gloria alcançar !

IV.

A ENGETADA.

A' Francisco Antonio Ferraz.

Papai, tu choras?— Como o céu é lindo !
Como lá solta o paparroz seo canto !
E além as flores— do vallado encanto
Desbrochão bellas, de prazer sorrindo !

Que paz, não vês ? a natureza gosa ! ?
Corta a araponga o infinito espaço !
—Toma, papai, o meo fraquinho braço,
Vamos ao prado....Que manhã formosa !

Papai querido, já eu venho !— Espera !
Eu quero dar-te aquella flôr viçosa !
Eu quero dar-te aquella branca rosa
A que abraçou-se um ramosinho d'hera !

Queres a rosa ? Como é linda agora
Mal desbrochada, de pureza cheia !
Ah ! seo perfume minha fronte enleia,
Dá-lhe sonhares ao romper d'aurora !

—O' filha, traze o ramozinho d'hera
Tal como está, embaraçado á rosa.....

—Toma paesinho..... Que manhã formosa !
Que brilho e gallas n'azulada esphera !

—Vês tu a hera que n'um forte abraço
Se liga á rosa, que colheste agora ?
Resume a vida de teu pai que chora
A' tua junta n'um estreito laço !

Eu era joven. . . Nossa historia é larga ,
Senta-te, ó filha, na virente relva. . . .
Quando voltando d'uma espessa selva
Vi-te na estrada a dormir d'ilharga !

Contava então meos vinte e sete annos ,
E tu, talvez, nem vinte e sete dias !
Tu para os anjos certamente rias
E eu chorava de te vêr. . . . Tyrannos !

Forão tyrannos os teos pais ! Malvado
Foi quem lançou-te na cambraia envolta
A' estrada, aonde quasi sempre solta
Vê-se vagar uma porção de gado !

Ai, tu não tinhas a quem dar teos risos
E eu não tinha prasenteiros n'alma !
A viuvez me arrebatára a calma
E a ti a sorte os paternaes sorrisos !

Ergui-te ao collo. . . . Minha terna esposa
Joven morrera sem deixar-me filha !
Ah ! quantas vezes uma estrella brilha
Por entre as trevas d'uma noite irosa !

A nossa sorte era tão triste ! . . . Um beijo
Dei commovido em tua face pura ,
Veio-me á mente a conjugal doçura
Ao dar-te aquelle innocentinho beijo !

Eu fui a rosa, — pois apenas tinha
Vinte e sete annos, quando tu qual hera !
A mim te uniste. . . . Minha filha, espera !
Guarda este ramo p'ra lembrança minha !

Filha , tu choras ? Como é puro o pranto
De gratidão que de teos olhos foge !
Ah ! pede ao Eterno que me não arrojé
A' fria campá, pois choráras tanto !

Pede ao Eterno que não roube a vida
De quem ha sido teu mais forte amparo !
Chama-me sempre : — Meo paesinho caro !
Que sempre eu hei de te chamar — querida !

V.

SEO NOME.

O seo nome não sei ? ! — Do divo archanjo
Que me faz em anceios amorosos
Tirar da lyra sons harmoniosos
O nome doce diga ethereo anjo !

Diga celeste cherubim ! que o peito ,
Por mais que queira, em divinal doçura
Immerso todo, não possui ternura
Para dizer seo nome, a que dou preito !

A's vezes em soluços ouço a brisa
Seo nome murmurar em mil anceios ,
Então meo peito tem d'amor enleios ,
Minh'alma os sente e só prazer divisa !

Então minh'alma divagando em goso
Pelos espaços — onde mora Deos,
Me diz — Elisa ! e os cherubins nos céos
Repetem-me seo nome tão formoso !

Sei o seu nome ! mas não dil-o a alma
Qual os archanjos lá do céu murmurão !
E mesmo as nuvens com prazer procurão
Dizer seu nome , — que é d'amor a palma.

Mas é debalde ! porque enraivecidos
Fallão os anjos por nos vêr insamnos
Querer seu nome murmurar ufanos,
Tirando encantos que lhe são devidos.

Meo joven peito, que é d'amor divisa ,
Sabe seu nome, mas não tem ternura
Qual tem os anjos da celeste altura
Para dizer em doce voz — ELISA !

VI.

A POBRESENHA.

« — Accorda, Maria ! que o dia vai alto ,
Seis horas já são !
Accorda, Maria, p'ra ir á cidade
Buscar algum pão !

Accorda, Maria, que tua mãesinha
Não tem que comer !
Accorda ! não queiras tu vel-a no leito
De fome morrer !

Não vês que no corpo sem forças já sinto
Da morte o rigor ?
Accorda , Maria ! vai vêr se pão ganhas
De Deos pelo amor ! — »

E a pobre Maria — da mãe os clamores
Ouvio — a dormir ;
E logo apressada se foi levantando
P'ra pão ir pedir.

— Mamãe, toma alento, que pão já te trago,
Diz ella a chorar !
Espera, que vou-me correndo, correndo,
Ai, pão te buscar. —

Coberta de andrajos a pobre menina
Nas ruas já vai. . . .
Não sei como ella co'a pressa que leva
Por terra não cáe.

A todos que passam, diz ella : — Uma esmola
Te peço ! me dai !
E todos respondem com fero semblante :
Irmã, perdoai !

Já deo meio-dia e a pobre menina
Não tem inda pão !
— Talvez que a mãesinha já tenha morrido . . .
Deos queira que não !

Diz ella. — Coitada ! — P'ra sua casinha
Ai, volta a correr. . . .
Sem ter uma esmola se quer na cidade
Podido obter !

A mãe já 'stá morta ! Na casa só reinão
Misérias e dôr !
Maria, chorando, só diz : — Ai, meo Deos !
Mamãe ! — Meo amor ?

Morreste de fome, querida mãesinha ;
Ou 'stás a dormir ?
Morrêste ! teu corpo 'stá frio e teos olhos
Não tem mais luzir !

.

Depois — no outro dia — na mesma cidade ,
Que pão lhes negou ,
Dizião : — A pobre morrendo de fome
No céu se asylou !

VII.

A' . . .

Já viste a rola, como tu tão pura,
Immersa em goso de innocente amor,
Ao noivo dando divinal ventura,
Pedindo em troca o nupcial calor ?

E' a minh'alma que tal forma toma
E que cercada d'um amor sem fim
Te offerta cantos, e te pede o aroma ,
Pede o calor que tem tu'alma assim.

Anjo ! não negues á minh'alma o aroma
Que ella te pede, nem o calor tambem !
A rola é triste, — e sua forma toma
Minh'alma terna, se o que quer não tem !

Lança teos olhos sobre a varzea linda ,
Não vês que rosa a desbrochar está ?
Erguendo a haste com esp'rança infinda
Pedindo orvalho, — o matinal maná?

E' a minh'alma d'esperança cheia ;
Que no desbroche é de prazer cercada,
Que pede um riso,—seo pedir premeia !
Dá-lhe um teo riso, minha linda fada !

Anjo ! não negues um teo riso á alma
Que te supplica — de prazer cercada !
A rosa murcha , se não tem p'r'a calma
Orvalho puro, minha linda fada !

Ergue teos olhos. . . . O que vês no espaço ?
Uma andorinha que vivace vóa !
Olha, meo anjo, como tem cansaço
Seo pobre filho que divaga á toa !

E' a minh'alma que procura a gloria
E que a sonhal-a todo o dia passa !
E' a tu'alma que não guia a ingloria
Lyra do vate, a quem tu negas graça!....

VIII.

CANTO DA INNOCENTE.

Quadra innocente á que se chama infancia ,
Doce fragrancia dos jardins da vida ,
Ah ! não me fujas ! . . . Perderei a calma
Que tenho n'alma se deixar-te , ó qu'rida !

Como são bellos os fagueiros dias
Que em alegrias passo eu contigo !
Ah ! não me fujas ! minh'infancia bella !
Sê minha estrella, meo perenne abrigo !

Quantos perfumes me offerece a vida
Tendo-te, ó qu'rida, de minh'alma ao lado !
Doces perfumes que minh'alma enleião
E que premeião meo gentil passado !

Papai, mamãe, na minha infancia qu'rida
Sois minha vida, meo gentil sonhar !
Sois minha estrella, meo fanal amigo,
Sois meo abrigo, meo constante amar !

E's , ó infancia, a estação fagueira
Que a vida inteira póde em si conter !
Porque me fazes que contente seja
E que só beije quem me deo o ser !

Quadra innocente á que se chama infancia,
Doce fragrancia dos jardins da vida ,
Ah ! não me fujas ! . . . Perderei a calma,
Que tenho n'alma se deixar-te, ó qu'rida !

IX.

O PESCADOR.

Voga, voga, ó canoinha !
O' meo amor !
Tu que és do mar a rainha
Não temas as ondas bravas
Porque são ellas escravas
Do pescador !

Ao vento te entrego as velas,
O' canoinha !
Guiar-nos-hão as estrellas,
Que brilhão no firmamento. . . .
Não temas o mar e o vento
Porque és rainha !

Quantos peixinhos, — contente
Hei de pescar !
Aqui, onde eu sou potente !
Aqui, nestas ondas alvas,
P'ra depois nas praias calvas
Ir dormirar !

Voga, voga, ó canoinha !
O' meos amores !
Tu, só tu, és a rainha
Que dominas n'este mundo
Onde são peixes no fundo
Habitadores !

A lua já se levanta
De seo leito !
Ai quanto sua luz me encanta !
Ai quanta saudade inspira !
Ai como d'amor delira
Este meo peito !. . .

Surgio como que encantada
Do céu d'anil !
Eil-a no mar retratada !
Eil-a no mar se lavando
Lindas conxinhas beijando
A mil e mil !

Parece na praia nua
Sonhar amores. . . .
— Fitando os olhos na lua
Talvez ora esteja a fada
Que faz-me a vida encantada,
Que dá-lhe flôres !

Sê ligeira ! — ó canoinha !
Olha a vaga !
Dize altiva : — Sou rainha !
Não temo grandes bramidos
Dos ventos enfurecidos
No mar que alaga !

Olha o mar que se encapella,
O' meo amor !
Espera ! — Eu já colho a vela
E vou levando-te a remo. . . .
Mas estou forte, não temo
O seo furor !

Voga, voga, ó canoinha !
O' meo amor !
Tu que és do mar a rainha
Não temas as ondas bravas
Porque são ellas escravas
Do pescador !

X.

AMOR DO CÉO.

Só n'alegria se acalenta a alma
Que tem a palma d'um amor do céu !
— Gosou venturas Julieta fida
D'amor na vida, porque amou Romeo !

E as chammas puras, divinaes , ardentes ,
Que a esses entes offertou amor ,
Tambem sentimos , co'a celeste calma ,
Que temos n'alma , e que nos dá vigor !

Elles se amavão com amor tão puro
Qual o futuro que nos mostra o céu. . . .
Mas — tu — mais firme do que foi aquella ,
E — eu — , donzella , do que foi Romeo !

XI.

O NOSSO JURAMENTO.

Faz hoje um lustro, querida ,
Que tu juraste ser fida
A teu joven trovador !
Assim como as mesmas juras
Eu jurei, porque venturas
Era o nosso céo d'amor !

Estavas tu, ó donzella,
Com uma corôa bella
Bella, bella a mais não ser !
Era uma c'róa faceira
De flôres de laranjeira
Que eu mesmo te quiz tecer !

Tinhas tu mui linda rosa,
Rosa branca, que viçosa
No galho fui apanhar,
Presa ao candido vestido,
Bem junto ao peito querido
Onde amor quiz habitar.

Eras qual anjo do empyreo
Com roupas de côr do lirio
Quando o seio quer abrir,
A virgem mais pura e bella
Que de Rafael na tela
Talvez podesse existir.

E com os pretos cabellos
Cahidos, que só ao vel-os
Tive enleios mil d'amor,
Sobre o seio, onde a pureza
Quiz plantar com realeza
Seo mais sagrado penhor.

• Dous lustros então contavas
E sómente me mostravas
Venturas mil no porvir;
Mostravas-me um céu d'amores
Onde se vião só flôres
Que começavão de abrir.

Eu contava mais dous annos
Do que tu e dos humanos
Me julgava o mais feliz !
Porque tu, anjo, donzella,
Eras qual divina estrella
Que venturas só prediz.

Assim eu e tu contentes
Co'as chammas mais innocentes
Ardendo do peito á flôr,
Quizemos ir ante as aras
Da Virgem, depor as caras
Juras d'este lindo amor.

Então nós nos apartamos
Da casa, aonde deixamos
Nossos extremosos pais ;
No caminho um'outra rosa
Dei-te, mais fresca e mimosa ,
De cores divinaes.

Tu me déste branco lirio,
Que deo-me febril delirio
Pelos perfumes que tinha !
Era do céo pura essencia !
Era o signal d'innocencia
Que nosso amor sellar vinha !

Assim como guardas inda
A rosa tão pura e linda
Que em teu seio fiz guardar,
O lirio conservo unido
A meu peito, onde incendiado
Amor soubeste infiltrar ! . . .

Nós caminhámos á Ermida,
Que n'um monte estava erguida
Dominando terra e mar,
Para fazermos a jura
De na fria sepultura
O nosso amor só findar !

Ante o altar de Maria,
Sobre a muda lage fria,
Os joelhos nós curvámos,
E n'uma oração singella,
Nós innocentes, á Ella
Longa vida deprecámos.

Depois pedimos contentes
Em orações muito ardentes
Vindas só do coração,
Que nos desse a eternidade
Por limite d'Amizade. . . .
— Depois me deste tua mão !

Quando senti sobre a minha
A tua mão, onde tinha
Depositado o porvir,
Senti suave alegria !
Senti divinal poesia !
Senti vida ao peito vir !

Estremeceste ! . . . coraste ! . . .
Perto da Virgem chegaste
Com divina e pura fé,
Imprimiste osculo ardente
Sobre Aquella, que a serpente
Pôde esmagar com seo pé !

Então tua c'róa bella,
Tão mimosa e tão singella
Vi-te da frente tirar !
Estremeci ! . . . tu coraste !
E á Senhora a entregaste
Para melhor a guardar.

XII.

A VIDA.

I.

E' bom viver sentindo o peito em chamma
D'um puro amor ;
Sentindo um fogo, qual eu sinto agora,
Que lavra intensamente e que devora,
Dando vigor !

E' bom viver sentindo a mente pura
A s'engolphar
N'um mundo d'illusões, d'almos desejos ,
Em sonhos juvenis, ardentes beijos
A delirar !

E' bom viver gosando mil delicias,
Prazeres mil,
Nos olhos de quem soube ardente chamma
Dar ao peito, onde ledo se derrama
Amor subtil !

E' bom viver sentindo só no peito
Amor do céu ;
Saber que abrasa a mesma chamma pura
Um outro peito, a imaginar ventura
No hymineo !

E' bom viver um forte amor sentindo
No coração ;
Vivos desejos de sorver venturas,
Ardentes sonhos, juvenis loucuras,
Antes paixão !

II.

Então se expande a alma incandescente
Cercada de prazer
Por entre esse sonhar joven ardente ,
Bello a mais não ser !

Então a aurora vem raiando bella,
Cercada de fulgor,
No peito aonde pôde anjo ou donzella
Imphiltrar puro amor !

Porque sente-se a vida em castos beijos,
Em sonhos juvenis,
Bella e tão pura quaes da brisa almejos
Por entre bogaris !

Porque nos é a vida um mar de gosos,
Um vaso d'amor é,
Onde se plantão sonhos venturosos
Regados pela fé !

Porque nos é a vida um cofre d'ouro,
Ou dadiva do céu
Onde se guarda a esp'rança d'um thesouro
Possuir no hymineo !

III.

Mas quando o peito é árido deserto
Que em quanto vive jaz de pó coberto
Sem uma flôr ;
Mas quando o peito sente amor impuro ,
Que lavra, que derrama fumo escuro ,
Que inspira horror :

Que vale a vida ? — De que valem sonhos
Feitiços, illusões, cantos risonhos
Que dá-lhe alguém ?
Que vale um copo d'agoa derramado
No pé da flôr, estando já queimado
O chão também ?

Mas quando á mente vem sonhos corruptos ,
Fantasmas horrorosos, prantos, luctos
E afflicções ;
Mas quando a mente sonha em vez de beijos
Uma campá, onde a brisa dá solfejos
Entre chorões :

Que vale a vida ? — Se lhe faltão risos ,
E sonhos juvenis, futuros visos ,
A acalantar ?
— Não póde sobre inhospitos rochedos
Viver lugubre flôr, sem ter segredos
A' brisa que contar !

Mas quando o peito vota paixão pura
A'quelle que lhe fez solemne jura
De sempre o amar ;
E que depois em vez de gosos tantos
Quantos sonhava, é despresado e encantos
Não póde achar :

Que vale a vida com iguaes martyrios ,
Com despresos, perjuros, com delirios
D'uma mulher ?
Que vale a vida ás raizes do carvalho
Que ficou — tronco nú — sem ter um galho
P'r'as proteger ?

Mas quando amor extreme o peito sente,
Com vistas no porvir, de que na mente

Vê só fulgor ;

E que seo dono por desgraça é pobre ,
Pobre em riquezas, da virtude nobre

Defendedor :

Que vale a vida ? — Se desprezo forte
Quer por loucura, ou porque seja sorte

Todos lhe dão ?

Que vale achar-se em regiões desertas
Verdes palmeiras de frescor cobertas ,

Se falta o pão ?

IV.

Sentindo um puro amor dentro do peito,
Sentindo da ventura o doce effeito,

Tendo prazer,

N'um mundo de illusões, d'almos desejos,

Em sonhos juvenis, ardentes beijos ,

E' bom viver !

Mas quando á mente vem sonhos corruptos,
Horrorosos fantasmas, prantos, luctos,

Imigos do prazer ;

Mas quando a mente sonha em vez de risos,

Fúnebres chorões, campas, occisos ,

Custa a viver !

XIV.

A ROSA E A AVESINHA.

O orvalho faz bella a rosa
E tão viçosa
Té aos jasmims exceder;
Dá-lhe perfumes e vida,
Appetecida
Pelas aves fal-a ser.

Ostenta a rosa os fulgores,
Mil amores
A vem depressa embalar;
Vem avesinha formosa,
A bella rosa,
A bella rosa oscular.

Ella não pôde occultar-se,
 Esquivar-se
Entre as flôres no jardim;
Porque o orvalho deo-lhe côres,
 Deo-lhe amores,
Deo-lhe amores sem ter fim.

Vem a avesinha e no tronco,
 O pé bronco,
O pé bronco quer firmar;
O que ha de fazer a rosa
 Que é mimosa
Senão seo tronco vergar ?

Verga o tronco ! — Eil-a cahida,
 Eil-a offendida,
Offendida a mais não ser ;
A ave quebrou-lhe o galho
 E o orvalho
Não a faz mais reviver !

Jaz no tronco pendurada
 A desejada,
A que já soube imperar ;
Eil-a já pedindo á brisa
 Que deslisa
Em seo seio de a criar.

A brisa fôge-lhe altiva ;
E's tão esquiva !
Diz a rosa a suspirar.
Maldicta seja a avesinha
Que damninha,
Damninha em mim quíz pousar !

Depois entre as demais flôres
Já sem côres
Como ha de a rosa viver ?
— Occultada entre a ramagem
Tê que a aragem,
A aragem faça-a morrer !

.
Tu és, ó donzella, a rosa,
Que formosa
Quer o seo brilho ostentar;
Amor é o doce orvalho
Que no galho
Da virtude faz reinar.

Amor te faz mais formosa
E orgulhosa,
Orgulhosa deves ser :
Cuidado co'a avesinha
Que damninha
Póde tua haste torcer !

Depois da haste quebrada

Despresada

Pela avesinha has de ser !

O orvalho fugio ! . . . seccou-se ! . . .

E fanou-se

Da rosa o bello viver ! . . .

XIV.

CONSOLAÇÃO.

Que tens, amigo ? — Quem tão triste pranto
Faz de teos olhos sem cessar manar ?
Que tens ? — Ai ! dize ! — Quem funesto manto
Em teos prazeres conseguiu lançar ?

Vejo-te, sempre, na tristeza envolto
Quando scismando, — que scismar febril !
— Em que tu scismas quando ao mar revolto
Lanças teos olhos ou ao céu d'anil ?

Se vês a aurora prazenteira e bella,
Ou o rei dos astros descambando além ,
Ou a matutina divinal estrellas,
O teo scismar porque tristeza tem ?

A sorte fera de teo seio caro
Algum amigo te roubou talvez ?
Esposa ou filhos de quem és amparo
D'ella hão soffrido algum cruel revez ?

Ai ! dize, amigo, se teo triste pranto
Enxugar posso, pois compete a mim ;
Se posso dar á tua vida encanto,
Se a teos pesares poderei dar fim ? ! . . .

Porque tu seismas ? — Vem folgar comigo !

O mundo é bello e nossa vida é mais !

— « Ah ! eu não posso ! — Um meo querido amigo

— « Ao longe foi-se ! não o verei jámais !

— « Oh ! que tristeza ! que saudade funda

— « Me opprime o peito ! que profunda dôr !

— « Hoje só pranto meo semblante inunda

— « Em vez de risos, quaes me dêo amor !

— « E' a saudade de um amigo caro ,

— « Que outr'ora dêo-me divinal prazer ,

— « Que faz meos olhos verter pranto amaro ,

— « Que minha vida faz tão triste ser !

Ah ! tens razão ! — pois a saudade fere,

Qual forte espinho um coração fiel,

Ricos ou pobres ella não prefere,

E' lei soffrer a sua dôr cruel !

Quando tu vires a rosada aurora

Bella e fagueira despontando alem,

Terás saudade do prazer d'outr'ora,

Terás saudade do passado bem !

De teu amigo tu lerás o nome,
Quer nas estrellas, no jardim, no mar,
Ou quando o sol no horisonte assome,
Ou quando a lua n'amplidão vagar. . . .

Tambem eu sinto no meo terno peito
Dôres agudas, mas não sei gemer !
O da saudade doloroso effeito
Tambem eu soffro — porque é lei soffrer !

A tua sorte sem cessar deploras
Porque apartou-te d'um leal amigo ;
Pois esse amigo que tu tanto choras
Tambem, p'ra sempre, viverá comigo !

Gosei no seio desse amigo caro
Dias tão bellos, quaes jámais gosei ;
E agora trago do absyntho amaro
A negra taça, mas soffrer é lei.

Que valem prantos quando a fera sorte
Nos contraria, — sendo lei soffrer ?
Que vale, dize, maldizer-se a morte
Porque roubou-nos algum caro ser ?

De nada vale ! mas consolo existe
Quando um amigo nós podemos ter,
Que sempre diga : — Contra a sorte triste
Não ha remedio, porque é lei soffrer !

Vem cá e junta minha dôr á tua
E grande allivio poderemos ter ;
Mas não deplôres tua sorte crua,
Não a maldigas porque é lei soffrer !

XV.

EU E ELISA.

Surge brilhante de prazer cercada
A aurora além;
Trinão as aves mil canções serenas;
As açucenas
A' brisa offerlão seo olor tambem.

No manso rio da floresta explendida
A murmurar,
Garças mimosas em suas puras agoas
A' duras magoas
Vão innocentes um allivio dar.

A brisa beija no virente prado
Mimosas flôres;
As flôres beijão sua mãe bondosa,
Talvez rugosa
Raiz, que dêo-lhes tão celestes côres.

Uma avesinha vai cortando o espaço,
Que pressa tem !
No curto bico um vérmesinho leva ;
No peito a ceva
Do amor puro de seo filho ou bem.

Oh ! casta Elisa, tu não sabes quanto
O amanhecer
Em mim impera; como eu sinto n'alma
Ao ver a calma
Da natureza, divinal prazer !

A aurora surge — como surge o mundo
Ao nosso olhar;
Trinão as aves — nossos ternos peitos
Sentem effeitos
Bellos, tão bellos que não sei contar.

As açucenas offertando á brisa
Candido olor,
São nossas almas offertando á vida
Uma querida
Canção singela, mas de puro amor.

O manso rio na floresta esplendida
A murmurar,
E' a AMIZADE com gentis condões
Aos corações
Nossos, tão puros, só prazer á dar.

Garças mimosas qu'em suas puras agoas
Vão se banhar,
São quaes canções que minha joven lyra
Quando suspira
Costuma, á ti, tão carinhosa dar.

A brisa curva e faz beijar o tronco
A's bellas flôres.
Nós somos flôres, que beijamos fidos
Os pais queridos,
De nosso peito principaes senhores.

Uma avesinha demandando o espaço
Ligeira além,
E' de noss'alma a mui constante imagem !
E' a miragem
Da religião que nossos peitos tem.

A avesinha como vóa ! — Ah ! sempre,
Si em p'rigo estamos,
A religião, a nossa mãe bondosa,
Vem carinhosa
Dar-nos sustento, se do bem cuidamos !

— 89 —

XVI.

CONSELHOS.

Pura Elisa, não estimes
Os homens pelos brasões,
Porque quasi sempre occultão
Rijos, feros corações,
A' virtude não propensos,
Embalados por traições.

Brasões são vasos dourados
Que às vezes veneno tem,
E que ao abril-os nas veias
Infiltrar-se logo vem !
Não creias, pois, nos dourados,
Elisa pura, meo bem !

Ama sómente a virtude,
Unico bem dos mortaes,
Que no mundo ños off'rece
Prazeres celestiaes,
E depois na eternidade
Inda maiores nos traz.

O corpo não vale nada,
Porque é despresivel pó !
A virtude tudo vale.
Ama, pois , virtude só !
E dos que estimão só gallas
Ri-te com pena, com dó !

A causa porque te amo
Não sabes, meo puro bem ?
Não é por teos lindos olhos ,
Ou teos cabellos tambem,
Nem por teos dentes formosos,
Mais alvos do qu'a cecem !

Mas só porque tens um terno,
Virtuoso coração !
— E não porque tenhas graças. . . .
Cabellos que d'ouro são !
Porque mil graças não valem
Da virtude um simples grão !

XVII.

A ROSA.

Rainha das flôres, quem dêo-te taes côres,
Olores, quem dêo-te não pódes dizer?
Balanças no galho !.... perfumes expandes !....
E á brisa que passa sorris a tremer !

Porque é que tú tremes, rainha das flôres,
No galho tão fraco, não pódes dizer?
Mas tú não respondes !.... tremendo m'encantas !...
Sorrindo d'amores. . . . sorrindo a tremer !

Cercada de gosos, rainha das flôres,
Teo collo faceiro não cêssas d'erguer ! . . .
Perfumes expandes ! . . . de novo te miras
Na brisa que passa, — que faz-te tremer !

Porque é que tú tremes, rainha das flôres,
Se a brisa beijou-te com tanto prazer ?
Mas tú não respondes ! . . levantas o collo ! . . .
A brisa repassa ! . . . que tens que tremer ?

Ostentas fulgores, rainha das flôres,
Expandes perfumes do collo ao volver,
Encantas a brisa, vem ella beijar-te
E tú meigamente que tens que tremer?

Não sabes acaso, rainha das flôres,
Que tú tens encantos do collo ao volver?
Que á brisa fascinas, que louca d'amores
Vindo ella beijar-te não deves tremer?

Se sabes acaso, rainha das flôres,
Que um beijo da brisa te faz reviver,
Se sabes que amores a vida alimentão,
Que dão-nos mil gosos, não deves tremer!

Se diz-te segredos, rainha das flôres,
Segredos d'amores, d'infundo prazer,
Em troca tú dando perfumes sublimes,
Amores divinos, não deves tremer!

Quaes são os segredos, rainha das flôres,
Que a brisa inda ha pouco te veio dizer?
Porque mil perfumes expandes sorrindo,
E o collo tão lindo não cêssas d'erguer?

Mas tú não respondes! levantas o collo!
A brisa repassa! ... repassa o prazer! ...
Sorrindo te volves!... perfumes expandes!....
Tremendo d'amores!.... mais bella a tremer!....

XVIII.

PORQUE CORÁSTE ?

Porque corárão tuas faces bellas
Ao fallar-te d'amor ?
Porque na terra teos formosos olhos
Fitaste com langor ?

Acaso em tua mente perpassárão
Duvidas ? illusão ?
Julgaste minhas juras fementidas
Como as dos homens são ?

Julgaste minhas fallas estudadas,
Julgaste-me infiel ?
Ou que n'um vaso te offertava nectar
Misturado com fel ?

Voltárão-se teos olhos para a terra
Abominando os meos ?
Como as aves ao vêr cobra maldieta
Retirão della os seos ?

Ou pensaste no amor ? — Dize, ó donzella ;
A mim, a teu cantor,
Porque corarão tuas faces puras
Ao fallar-te d'amor ?

Pensaste no amor e nas doçuras
Do puro sonhar teu
Viste ao longe brilhar ardente facho ,
O facho do hymenêo ?

Pensaste acaso n'um porvir brilhante,
Brilhante mais que o sol,
Que dêo-te ás faces um rubor angelico,
Da ventura o arrebol ?

Acaso em teu de moça sonhar puro,
Mais puro que o jasmim,
Viste venturas no porvir distante
E acreditaste em mim ?

Acaso minhas fallas s'entranhárão
N'esse teu coração ?
Soube eu lançar nesse teu peito o germen
D'innocente paixão ?

Corarão tuas faces ! — Muitas vezes
A branda viração,
Tinge ligeira as folhas delicadas
Da rosa inda em botão ! . . .

Assim as fallas puras , amorosas,
Que te quiz offertar,
Fizerão-te sentir effeitos bellos,
Fizerão-te corar ! . . .

Quem sabe se quizeste, tú discreta,
Assim manifestar
Um sentimento puro, que em teu peito
Se tinha ido asylar ?

Quem sabe se por isso tuas faces
Tomarão rubra côr ?
Ou se importuno me chamaste , e louco
Por fallar-te d'amor ?

E sempre , e sempre o pensamento vaga
Em duvidoso amar !
E sempre e sempre o coração anciado
No peito sinto arfar !

Ora o pensamento tem esp'ranças,
Venturas mais de mil !
Outras vezes vogando em mar de duvidas
Vê da raiva o fuzil !

E tú me pódes off'recer venturas
Me dando um só olhar !
Dizendo o que te fez as faces puras
Tão depressa corar ! . . .

XIX.

SAUDADES.

Tenho saudades , Elisa ,
D'esses tempos venturosos ,
Em que por dias formosos
Iamos nós passeiar !
N'esses verdejantes prados
Cobertos só de boninas ,
De lírios, rosas divinas,
Que sabião m'inspirar !

Tenho saudades dos dias
Todos cercados de sol ,
Onde brilhante arrebol
De ventura sempre achei !
Tristemente ora suspira
Este meo peito anciado ,
Elisa, pelo passado
Em que delicias gosei !

Tenho saudades das tardes
Onde á sombra do jambeiro,
Prazeres do amor primeiro
Pôde contigo fruir;
E desse val encantado
Onde fallando em amores ,
Não pensavamos nas côres
D'annuveado porvir !

Tenho saudades dos dias
De goso e prazer cercados,
Em que eramos nós olhados
Como deus entes ditosos !
— E quão ditosos que somos
Vivendo d'amor na chamma !
Porque uma celeste flamma
Nos offerece mil gosos !

E quando tocava o sino
O signal d'*Ave Maria* ,
Que annunciava que o dia
Se tinha ido p'ra além.
— E quando tocava o sino
D'*Ave Maria* o signal ,
Dizias tú por meo mal :
— Fugamos d'aqui, meo bem !

Esse tempo venturoso
Não mais hemos de gosar !
Nem nas noites de luar
Comtigo passearei !
— Pelo passado suspira
Este meo peito anciado. . . .
— Elisa ! pelo passado
Em que delicias gosei !

XX.

SÓ A WALSAR.

Era n'um baile ! — Como eu vi-te bella
Não sei contar !
Tinhas tú sedas e perfumes tantos !
Tinhas tú gallas, divinaes encantos !
Só a walsar !

Tão bella estavas ! — Se te vèr podia
Sem delirar !
Languidos olhos tú em mim fitando !
Amor ardente tú em mim lançando
Só a walsar !

Quantos perfumes de teo casto seio
Senti manar !
Quantos desejos de sorvel-os logo !
— Mas tú lançavas no meo peito fogo !
Só a walsar !

Eu nesse baila delirante quiz-te
D'amor fallar !
Mas tão esquiva ou entrelida estavas
Que mil prazeres sem cessar buscavas
Só a walsar !

E quando os olhos eu queria louco
Nos teos poisar ,
Tú me fugias com teo par avante ,
Sem dar ventura ao peito meo amante,
Só a walsar !

Depois me dêste venturoso riso,
P'ra me matar !
E além te foste de prazer cercada ,
A outrem dando tua mão nevada,
Só a walsar !

Em quanto o fogo que me havias dado
Estava a lavar,
Além fazias venturoso o peito,
De quem estava, como tú, affeito
Só a walsar !

Ai ! não te lembras ? — Eu me lembro ainda
Do teo olhar,
Quando d'outrem tú nos braços ias
Dando-lhe nas fallas alegrias
Só a walsar !

Era n'um baile ! — Tú me déste um riso
P'ra me matar !
Tinhas tú sedas e perfumes tantos !
Tinhas tú gallas , divinaes encantos ;
Só a walsar !

XXI.

AO RETRATO D'ELISA.

Longe de ti — no teu retrato fido ,
Que ao peito unido trago sempre eu ,
Vejo teu rosto, teu olhar ardente,
Puro, innocente, que mostrou-me o céo.

Eu nelle vejo tuas faces puras
Onde venturas eu sonhei fruir ,
Co'aquellas côres virginaes, formosas,
Que tem as rosas quando estão a abrir.

Longe de ti — no teu fiel retrato
Ao qual eu ato meo inteiro amor,
Feliz eu vejo tua mão nevada ,
Tão desejada pelo teu cantor.

Feliz eu vejo os negros teos cabellos
Que só ao vel-os mil enlevos dá ,
Cercando a fronte magestosa e pura ,
Onde ventura sempre e sempre ha.

Vejo tua fronte aonde amor revôa
E que uma c'róa deveria ter,
Cercada toda de fulgor celeste
Que Amor reveste c'o maior prazer.

Com branda roupa tú occultas ciosa
Botões de rosa na pureza e côr,
Nos quaes existe uma divina flamma
Que nos inflamma e que se chama Amor.

Vejo teu cinto aonde mão profana ,
Mão deshumana não tentou tocar !
E se o deixasses — que tristeza forte ! —
Tú, negra morte me virias dar !

Tens uma rosa em tua mão de fada ,
Elisa amada, não a deixes : — não !
Conserva a rosa que á partir eu dei-te
Qual casto enfeite em tua nivea mão !

.
Não ha quem vendo tua gentil belleza,
Junto á pureza, de te amar s'esquive !
Não ha ! — Se foge ainda mais o inflamma
Celeste chamma que no peito vive !

XXII.

A FLOR DE TUPÁ.

AO DISTINCTO POETA

Luiz C. P. Guimarães Junior.

Quem ha que tão bella e garbosa s'ostente
Qual filha das selvas, cabocla faceira,

A flôr de Tupá?

Quem ha como ella tão dextra e valente

Da tribu guerreira

Correndo na frente?

Quem ha?

Tão bella — na rêde — cahindo os cabellos

Em ondas formosas, que roubão as côres

Da noite, — á Tupá?

Quem ha que possua contornos tão bellos,

Que matão d'amores

Sómente de vel-os?

Quem ha?

Quem ha que ligeira na caça e atrevida
Se mostre, qual ella, d'aljava e de settas
Que dêo-lhe Tupá ?
Na paz — n'esta *taba* — d'amores a vida ,
Com graças selectas,
Nos faça querida ?
Quem ha ?

Quem ha ? — Não me digão que em força e bellesa
Excedão as brancas tão fracas d'Europa
A' flôr de Tupá !
Que linda, com força, com tanta dextresa ,
Qual ella, s'ensopa
Settas com firmeza ,
Não ha !

Não vêdes que as véstes tolhendo a natura
Só devem fazer-vos mimosas mulheres,
Não flôr de Tupá ?
Não vêdes que a vida por entre a verdura
Melhor que em lazeres
De fina costura ,
Será ?

Que os membros s'augmentão, que a vida se gos
Que crião-se forças, encantos, dextresa,
Qual flôr de Tupá ?
— Quem ha que se mostre qual ella amorosa

Nos dando a belleza ?
Na guerra horrorosa
Quem ha ?

Vós sois bem crianças, pensando que as flôres
Que vivem no campo , não são predilectas
Do forte Tupá !
Que as nossas mulheres não tem mais olores
Que as vossas discretas,
Sem vida nem côres
De cá !

Sabei ! Nós queremos mulheres tão fidas,
Tão fortes e dextras , formosas , valentes ,
Qual fôra Tupá !
Por isso valentes nas matas crescidas
Vivendo contentes
Sem cuidados nem lidas ,
Ha cá !

Queremos na guerra valentes guerreiras ,
Que sallem, que venção, dos labios soltando
Um canto a Tupá !
Queremos na taba que venhão primeiras
Beijar-nos, cantando
Canções tão fagueiras ,
Quaes ha !

E nunca mimosas, que corrao de medo,
Ao vêr o inimigo de setas armado
 Banir a Tupá !
Mas , sim , que no campo correndo inda cedo
 Nos tragão atado
 Da guerra o segredo,
 Quaes ha !

XXIII.

A MULHER.

O céo tem estrellas no brilho suaves ,
Mil cantos as aves , perfume o vergel ,
A lua tem doce fulgir prateado,
Se encontra do prado nas flôres só mel.

O sol lança ufano de fogo seos raios ,
O mar em desmaios suspiros tambem ;
Os tigres, as onças, hyenas, pantheras ;
Leões e mais feras dormitão além.

As aves murmurão seos cantos , e os ares ,
E os verdes palmares, resposta lhes dão.
As veigas e mattas e prados, florestas ,
Tem gallas, tem festas que esplendidas são.

Dos galhos das arv'res que fructos dourados ;
Tão bem sazoados estão a pender !
As brisas e ventos e nuvens no espaço
Por mystico braço lá vão a correr !

E Adão olha em torno, vê tantos fulgores ,
Vê rios, vê flôres e astros nos céos,
Vê mattas e prados , — dos labios desprende
Um cantico , e rende louvores a Deos !

Adão vê bellas por todo o Universo
E sente-se immerso n'um puro gosar.....
E' bella a natura ! tem gallas , primores ,
Os astros fulgores, peixinhos o mar !

Mas.... ai! que lh'importa que os astros fulgurem,
Que as aves murmurem seos cantos de mel ?
Que importão-lhe os rios, a lua, as estrellas
Florinhas tão bellas, primor do vergel ?

Que o sol brilhe ufano, que as brisas perpassem,
Que as nuvens lá passem gentis á correr ?
Se falta a seo lado gentil creatura,
Celeste feitura, que dê-lhe prazer ?

Eis que pelas fibras passar docemente ,
Um sopro innocente julga elle sentir !
E o sopro é tão doce que até o assombra
E o faz ir á sombra das arv'res dormir.

Passados instantes Adão é desperto
E acha-se perto de seo Creador ,
Que dá-lhe p'ra sua fiel companheira
A imagem fagueira do mundo em fulgor !

Adão a contempla : — Tem vozes suaves
A terra e as aves , e o rio a correr !
Tem flôres o prado , fulgores a veiga,
Porém é mais meiga que tudo A MULHER !

XXIV.

NA REDE.

Se a visses na rêde co'as tranças cahindo,
Co'as faces pedindo mil beijos d'amor ,
Oh ! como tú louco nas faces lh'os déras ,
E então conhecêras na fronte calor.

Mas tú não a viste ! Lh'ornava de rosas ,
De rosas formosas corôa gentil !
Que beijos lhe déras ! Que sonhos sonháras !
Que gosos gosáras n'um beijo febril !

Dos anjos celestes o somno dormia ,
Que amor revestia d'um casto sorrir !
E os braços cahidos. . . . Que braços delgados !
Quem déra enlaçados nos meos presentir !

Na rêde ella estava ! Na rêde de pennas. . .
D'amor tenho penas no peito sem fim !
Pois não adivinho se a linda indiana
Na sua cabana se lembra de mim !

Mas tú — ai ! se a visses ! na rêde formosa
Co'as faces qual rosa no casto entr'abrir ,
Tú louco d'amores a vida lhe déras ,
E então tú poderas venturas fruir !

Na rêde — era um anjo ! c'os seios arfantes,
As faces brilhantes na diva color ,
E os olhos cerrados, e os labios pedindo. . . .
Pedindo. . . . pedindo. . . doçuras d'amor !

XXV.

UM BEIJO.

Um beijo é o élo que dous peitos junta
N'um doce enlevo de infinito amor !
Phrases que a alma murmurar não pôde
Murmura um labio d'outro labio á flôr !

Phrases. . . . que phrases ! Nesse doce enlevo
Perdem os olhos a brilhante luz !
Em goso immersos, de langor cercados ,
Vagão n'um céu que de prazer reluz !

Que languidez nas fibras amorosas
Ao darmos beijos docemente corre !
Palpitão seios ! estremeçam fibras !
E a luz dos olhos quasi em goso morre !

Já foi meo seio palpitante junto
Aos seios d'ella a murmurar prazer !
Meos labios puros de gosar anciosos
Aos seos se unirão n'um fugaz volver !

Gosei o beijo ! N'um febril instante
Pousei meos labios sobre os d'ella á flôr !
Quanta ventura n'esse instante tive
Diga esta lyra nas canções de Amor !

XXVI.

ENLEIROS.

Se a noite vae alta , formosa donzella ,
Se a lua só véla no céu a brilhar ,
Se escutas os cantos que sólto na lyra ,
Teo peito suspira , delira, no arfar ?

Se as aves nos bosques á luz da matina
Elevão divina , celeste, canção,
De mim te recordas , donzella formosa ,
Tão pura e garbosa qual rosa em botão ?

As brisas fallando nos troncos amores ,
Nas hastes das flôres gravando prazer ,
As flôres mostrando perfumes e encantos
Meos cantos — ai ! tantos ! não vão te dizer ?

Formosa donzella , não fallas ? suspiras ? . . .
Porque tú suspiras não queres contar ?
Acaso segredos occulta leio peito ,
D'amores o effeito, a que preito vou dar ?

Escuta ! — Se a noite vai alta, se a lua
Co'a face tão núa lá vejo fulgir ,
Se as aves escuto, se as brisas presinto ,
Não minho , só sinto. . . . que devo sentir ?

Se vejo na haste brincando garbosa
Tão bella, viçosa, qualquer uma flôr,
Se sólto na lyra meos cantos ditosos ,
Que vão pressurosos fallar-te d'amor. . . .

Se encontro doçura , se paz em minh'alma ,
Se sinto só calma bem dentro de mi',
E' que, ó d'amores édenica fada ,
A alma enlevada se lembra de ti !

XXVII.

AMOR.

Que flôr mimosa plantaste
De minh'alma no jardim !
Mais puro olor que o jasmim
Tem essa flôr que plantaste
De minh'alma no jardim !

Como bello encontro o mundo
Tendo n'alma uma tal flôr !
Não ha ventura maior
Do que gosar-se no mundo
O perfume d'essa flôr !

Seo nome, Elisa formosa ,
Bem sabes meo cherubim !
Bem sabes que no jardim
De minh'alma — tú , formosa,
Não plantaste algum jasmim !

Mas no jardim de minh'alma
Tú plantaste um'outra flôr !
Que tem divinal odor. . . .
Que perfuma esta minh'alma. . . .
Que se chama. . . chama. . . Amor !

XXVIII.

LUCRECIA.

Que fazes, Lucrecia, tristonha lançando
Teos olhos formosos aos montes d'além ?
Acaso o mancebo que dera-te vida
Perdendo a Amizade roubara-te o bem ?

Tú fitas teos olhos na varzea florida ,
Depois te arrependes e os volves p'r'os céos !
Que magoa teu peito corróe, dilacera ,
Me dize, — fitando teos olhos nos meos ?

Mas tú não respondes ? Teos olhos são fundos !
Que roxas olheiras os querem guardar !
E as faces outr'ora tão bellas , risonhas ,
Que rosas que tinham ! Quem fel-as myrrhar ?

Tú córas ? As faces que á pouco erão pallidas
Ai como tomárão tão lindo carmim ?
As minhas palavras tiverão tal força
Que até derão vida ao fanado jasmim ?

Acaso teo joven partira mui cêdo
Por isto saudosa vieste p'r'aqui ?
Me dize, Lucrecia ? Tú córas !... tú tremes !...
Que horrivel fracasso no peito senti !

Parece que as dôres que sinto no peito,
Lucrecia, tú sentes, te malão tambem. . . .
Vem cá...vem contar-me quem dá-te pesares,
Porque só pesares meo peito contem !

Tú sabes que as dôres contadas aos outros
Costumão a força perder e o rigor !
Me conta tuas magoas, formosa Lucrecia,
Me conta tuas penas — pesares d'amor !

Teos olhos se cobrem de pranto sentido ,
Meos olhos tristonhos sem brilho já 'stão !
Me dize tuas magoas, que as minhas te digo ,
Porque sou, Lucrecia, na dôr teo irmão !

Teos olhos tú fazes vagar com tristeza
Nos montes, nos prados, nas varzeas, nos céos...
O que tú procuras, Lucrecia formosa,
Não dizes fitando teos olhos nos meos ?

Vês aquella flôr pendida
Sem amor, sem luz, sem vida,
Sem prazer, sem brilho emfim ?
— A folhagem secca á terra
Cahindo — como desterra
A triste rosa por fim !

Eis a veridica imagem
De quem do mundo á bafagem
Sua crença acalentou !
O mundo beijou-lhe a face
E n'esse beijo fugace
Brilho, amor, crença roubou !

Pallida sou ! e meo brilho
Roubado foi por quem flôres
Prometteo a meo viver !
Meo peito não tem amores !
Perdi da virtude o trilho ! . . .
Devo maldicta morrer !

No céo fitando meos olhos,
Ou sobre a varzea florida,
Ou sobre os montes d'além ,
Sinto no peito mais vida !
Alegro meos tristes olhos ,
Minh'alma e peito tam bem !

Toma a rosa que pendida
No galho fui apanhar !
A imagem de minha vida
Na rosa pódes achar !

— Adeos !

Ai ! Ceos !

Ha tantas mulheres, Lucrecia formosa,
Que ao mundo entregarão seu timido amor,
Que jazem tristonhas, sem brilho, sem vida,
Sem goso, qual essa tão simplice flôr !

XXIX.

O DESEJAR DE AMOR.

Lança teos olhos, minha linda fada,
Por tarde linda n'ampidão dos céos,
E no teu peito tu não sentes nada?
—Ai, sinto o peito a me fallar de Deos!

Baixa teos olhos para a linda rosa
Que brinca alegre em seu hastil tão rude,
Que sentes n'alma, ó minha fada airosa?
—Sinto alegria, que me diz VIRTUDE!

Vês tu n'um ramo do feliz jambeiro,
Feliz, eu digo, porque 'stá com flôr,
A rola, e o noivo que sorri fagueiro?
—Ai, vejo! e o peito me murmura Amor!

Ai, linda fada ! se por tarde amena
Meos olhos lanço n'amplidão dos céos,
Sinto no peito— doce paz, serena,
De ti me lembro, e t'imagino Deos !

Baixando os olhos á formosa veiga
E vendo a rosa a se vergar no hastil,
Vejo-te, ó fada, a menear-te meiga
Dando á minh'alma doce odor subtil !

Vendo uma rola com seo noivo ao lado,
Toda caricias —divinal langor, -
O' minha fada, de prazer cercado
Sinto no peito o desejar d'AMOR !

XXX.

RECORDAÇÃO.

Era de tarde.... Tu viste
Como estava o meo jambeiro
Sem flôres, fructos , tão triste,
E os galhos secos, quebrados ?
—Forão meos olhos molhados
Ao ver sem flores,— tão triste,
O meo querido jambeiro !

A imagem de meo passado
Reconhecião meos olhos
Vendo o jambeiro, coitado,
Sem flores, fructos —tão triste !
—E se hoje prazer existe
No peito meo —no passado
Só pranto tinhão meos olhos !

Era meo peito sem flôres,
Sem flôres que nascem n'alma
Bafejadas por amores,
Como o jambeiro tão triste !
Mas quando anginho me viste
A meo peito d'êste flôres,
E prazeres á minh'alma !

Agora, — como o jambeiro
Sorrirá na primavera,
Tendo flôres, — prazenteiro
Me sorrio para ti !
E julgo que não menti
Por me fazer de jambeiro
E te chamar primavera !

XXXI.

DESMAIOS.

Era de tarde. . . Saudosa
Além murmurava a fonte ;
E a terna rola amorosa
Tinha o noivo fronte a fronte. . .
E no poente em desmaios
Era o sol — vendo seo leito
Cheio de rosas. . . seos raios
Me davão d'amor desmaios,
Davão ás scismas um leito !

Sorria-se a natureza ,
O paparroz a saudava. . .
E da fonte a ligeireza
O meo scismar imitava !
Scismas. . . scismas de poeta
São d'amor canção divina !
— Quando a lyra está repleta
De goso — a voz do poeta
E' pura, doce e divina !

Era de tarde. . . . De tarde
A lyra nos falla amor !
E o astro que no céu arde
Nos falla do Creador !
De tarde é tudo poesia ! . . .
Poesia tem noss'alma. . . .
Porque ao findar do dia
Inspirão doce poesia
Amor e Deos a noss'alma !

Era de tarde. . . . O jambeiro
Scismava nos seos amores,
Espalhando no terreiro
As suas mimosas flôres.
A' sombra d'elle scismava,
Scismava no meo futuro. . . .
E quando me despertava
A virgem com quem sonhava
Me fallava no futuro !

Ao despertar — amorosa
Ella beijava-me a fronte. . . .
Lhe dava canção mimosa,
Me dava. . . . a lyra que conte !
N'um beijo d'amor — desmaios !
N'um beijo prazer ao peito !
E de seos olhos os raios
Dava-me em troca aos desmaios
E ao palpar de meo peito !

XXXII.

A CABOCLA.

Ao Illm. Sr. M. B. A. Varella.

I

Lá dispontou no limpido oriente
A risonha manhã ,
E na circulea areada poisão nuvens
Tingidas de romã.

A terra está qual noiva encantadora
Que vai o esposo vêr ;
O esposo é o diluc'lo da arvorada ,
O emblema do prazer.

A natureza se mostra fascinante
Cercada d'arrebol ,
Porque lá dispontou a bella aurora
Annunciando o sol.

Milhões de hymnos entôa o gaturamo
Na selva ao acordar ;
Mil aromas expandem as florinhas
No ledo desbrochar.

Salve ! aurora ! que vens sempre tão bella
De purpura vestida,
Dar ao prado, ao monte, á mata, á selva,
Nova luz,— nova vida !

Salve !— diz na selva o passarinho ;
Diz no jardim a flôr
Diz além no murmurinho brando
O rio encantador.

Entoa a natureza alegres hymnos
A Deos em oblação ,
A humanidade eleva despertando
A Deos uma oração.

O rio, o prado, a mata e a selva e o monte
E o mar encantador ,
N'uma unica voz ridente, bella ,
Saúdão o Creador !

Eu via em sonhos o ridente quadro
Que acabei d'esboçar;
Mas, depois — alta noite, — inda dormindo,
Meo espirito, — além — foi descobrindo
O que vou relatar.

.

Eu vi, além, d'uma cabana á porta
Um vulto alevantar-se !
Mas o que foi ? — Ergueo as mãos ao céo
E tornou a sentar-se !

Eu conheci ! — era mulher, — tão bella
Como o dia que a cercava ,
Mas coitada, era captiva , era cabocla
Que á dôr s'abandonava.

Por profundo seismar a fronte bella
A cabocla pendeo;
Pendeo-lhe a fronte por seismar profundo
E a vista amorteceo !

Depois , eu vi. . . . a cabocla , pobresinha
Começou a chorar ;
Cheguei-me perto della, — quiz as lagrimas
Suas enxugar !

« O' cabocla, vem cá ! — quero os profundos
« Arcanos teos sondar ;
« Quero lêr em teu peito innocentinho
« Segredos do palmar !

« Conta-me a vida que tú 'stás vivendo. . . .
— Que bem triste será ! —
« Conta-me a causa dessas tuas penas ,
« Que a morte findará ! »

Uma vez mais a fronte pensativa
Decahio-lhe na mão !
« Cabocla !—diz-me a causa dessas penas!...
« Ai ! dá-me o coração ! »

II.

Que queres da escrava, da pobre indiana ,
Que nesta cabana está quasi a morrer ?
Sosinha e tão longe dos meos companheiros ,
Dos velhos guerreiros que dêrão-me o ser ?

Talvez que tú venhas mais dôres trazer-me ,
Talvez que dizer-me que a vida findou-se....
Mas eu não me importo! — mais dôres não temo
Porque ao veneno meo corpo entregou-se.

Mas tú perguntaste com rosto tristonho ,
Se fado medonho estava eu a soffrer ? . . .
Pois bem , eu t'ó digo, mas peço segredo
Porque tenho medo que á alguém vás dizer !

Eu era pequena , mui meiga, mui bella,
Ainda donzella , — da vida na flôr ;
Mas. ai ! não te contol porque tenho medo
Que vás meo segredo contar ao senhor !

Emfim ! minha vida são curtos instantes,
Que muito distantes não devem já 'star;
Por isso te conto meo grande segredo
Já não tenho medo que vás-lhe contar.

Eu era pequena, mui meiga, mui bella,
Ainda donzella , — da vida na flôr ,
Vivia contente na matta querida
Sómente entrelida nos gosos d'amor.

Um dia affastei-me da matta querida
E vim entrelida na estrada parar.
— O' forte *Tupá* ! — porque tú não vieste ,
Porque não quizeste meos passos guiar ?

Um homem na estrada topei descansando ,
Talvez qu'esperando algum meo companheiro;
Pegou n'uma arma — peor que pistolas , —
Com ella trez bólas mandou-me certoiro.

As bólas unidas, mui juntas, mui certas,
Viêrão directas em mim s'enleiar ,
Depois elle disse com fero semblante :
— Captiva ! adiante , podeis caminhar !

Podeis caminhar sem medo que os laços
Que tendes nos braços vos possam matar ;
Então perguntei-lhe que mal tinha feito,
Um tiro no peito me quiz elle dar.

Pedi liberdade ! cahi de joelhos !
Beije os artelhos do fero senhor !
Mas elle de raiva gritou furioso :
N'um tronco rugoso vás vêr teu amor !

Depois d'açoutada trez vezes por dia ,
Coitada, eu lá ia p'r'a roça plantar !
Depois á noitinha chegava estafada,
Mas, pobre coitada , tornava a apanhar !

Um dia julguei-me bem longe de casa
E quente qual brasa meo peito então 'stava ;
Tentei escapar-me p'r'a matta querida
Que vio minha vida quando ella raiava.

O fero senhor , que andava-me á pista ,
De noite á revista não ver-me extranhou ;
No dia seguinte sahio á procura
Da vil creatura, que cara custou.

Na matta que perto da casa ficava
Eu lèda então 'stava nos braços d'amor
Mas... oh! que desgraça! — bem dentro do matto
Eu vi o retrato do fero senhor !

Depois.... — Eu não posso dizer-te que dôres ,
Que infindos horrores vim eu a soffrer !
Não posso dizer-te , porque chorarias
E a dôr tú farias em mim recrescer !

III.

Calou-se ! mas nos olhos seos se lia
As dôres fundas que soffrido havia. . . .
— Pobre indiana ! —
Calou-se ! mas seo corpo bem mostrava
Que seo fero senhor sorte lhe dava
Crua e deshumana !

Com tal força no chão rojou-se a escrava ,
Que dissereis, a um rochedo a onda brava
Se tinha ido encontrar !
Com tal força rojou-se que até penso
Era da selva um leão gigante, immenso
Que estava a estrebuxar !

D'ahi a pouco levantou-se a escrava
E se poz a chorar !
Cheguei-me perto della , quiz as lagrimas
Suas enxugar !

D'ahi a pouco ella olhou para o oriente
E vio que o sol nascia ,
E disse : — Hoje mais tarde estarei morta !
Mais tarde , ao fim de dia !

IV.

A minha matta querida
Onde passei lèda vida
Quem me dera poder vêr !
Quem dera á pobre indiana
Trocar por esta cabana
A rede que a vio nascer !

O que desejo ninguem póde dar-me !
Ninguem a matta poderá mostrar-me !
Ninguem a rede me trará p'ra'qui !
Martyrios grandes, agonias lentas ,
Só dão á mi !

Não ouvirei o *boré* ,
Nem ao som delle de pé
Eu correrei pressurosa !
E minhas settas queridas
Lá 'stão no matto esquecidas ,
Lá onde vivi ditosa !

Talvez que não ! — mas quem a liberdade
Poderá vir trazer-me ? — mas quem ha de
Senão poder levar-me ir-vos buscar ?
Quem ha de ? — se da vida o triste termo
Me está quasi a chegar ?

Mas se alguém arco me dêsse,
Se alguém o carcaz trouxesse
Com settas envenenadas,
Ninguem então me viria
Insultar, pois morreria
Com milhares de frechadas !

Que desejo ! se força nos meos braços
Não possuo, porque os ferreos laços
Me fizêrão o sangue coalhar !
Se força já não tenho, como o arco
Poderei eu armar ?

Minha *arasoya* formosa
De pennas de côr de rosa

Não mais me haveis d'enfeitar !
E o meo tão querido ornato
Lá ficou dentro do mato ,
Lá ficou o meo *cocar* !

Agora trocarão por feio vestido
A minha *arasoya* e o meo tão querido ,
O meo tão formoso, tão lindo *cocar* !
Como hei de no corpo cingil-os se elles
Já 'stão lá no mar ?

Mas se por aquí passasse
Algum rio que esgotasse
As suas agoas ao mar ,
Uma *piroga* faria
E sósinha lá iria
Os meos ornatos buscar !

E o senhor bem iria lá buscar-me ,
E se livre tornasse a encontrar-me
Era capaz até de me matar !
— Oh ! *Tupã* ! que lembrança boa tive
Para a vida findar !

V.

Silencio ! que lá vejo pela estrada
Caminhar meo senhor !
Talvez que venha vêr se a pobre escrava
Já succumbio á dôr !

Em silencio correrão as minhas lagrimas,
Que hei de chorar té morrer !
Em silencio soffrerei grandes martyrios
Que elle dar-me quizer !

Mas....foge! foge! tú que ouviste a historia
De minha acerba vida !
Foge ! foge ! p'ra que elle te não veja ,
Senão serei perdida !

Foge ! foge ! se de mim tens pena ,
Se dóe-te o meo soffrer ;
Foge ! foge ! mas não contes a elle
O que te quiz dizer !

Depois , vio que o sol para o occidente
Seo rumo dirigia ,
E disse :— Hoje mais tarde estarei morta !
Mais tarde — ao fim do dia !

XXXIII.

O MARINHEIRO ENFERMO.

Ao meu amigo o Sr. José Elisiário da Silva Quintanilha, em retribuição á bella poesia que me offereceo, publicada no Album Pelotense da provincia de S. Pedro do Sul.

Vinde, Senhor, chegai-vos a meu leito,
Leni a minha dôr com phrase amiga,
Ah ! vinde, contemplai o meu martyrio ,
O grave mal que o peito me afadiga.

Da baça enfermidade eu soffro horrores,
A insomnia se vê em os olhos baços,
Do rosto a pallidez, e dôres muitas
Promettem me quebrar da vida os laços !

Na flôr dos annos sinto o peso todo
Da negra desventura a perseguir-me,
Cançado de gemer á dôr succumbo ,
Eu que a morte encarei ousado e firme !

Da patria amiga tão distante, choro ,
Sem esperança ter de vê-la um dia ,
E morro ao longe do meo lar querido ,
Comigo morre antiga sympathia.

D'aquella por quem eu a vida déra,
Não mais verei, ó Deos ! o rosto amado. . . .
Cançado de gemer, succumbo ás dôres !
Eu que a morte encarei sereno, ousado !

De minha pobre Mãe sorriso doce,
Não mais contemplarei, que me aditava,
Oh ! que para morrer a idéa basta
Da desdita cruel, que me aguardava !

E já fui bravo, nem jámais venceu-me
A presença horrorosa da procella :
Serenio vi toldar-se o pego ás vezes ,
Todo o céu se cobrir por negra téla !

Mas eu sorrindo manejava o leme ;
O lampejo e o trovão não me aballava,
O vento, o raio, a chuva e crespos mares
Bem cheio de coragem contemplava.

O meo navio vacillava em risco ,
As enxarcias movia um vento duro,
Eu o panno a ferrar, voltando o bordo,
Obrava qual um forte palinuro !

E agora com temor contemplo a morte ,
No recinto da dôr e do socêgo ! . . .
Não vejo ousado mar batendo irado ,
Nem vejo o barco se afundar no pego !

Ah ! vinde , contemplai o meu martyrio ,
Não possão agastar-vos meus gemidos ,
Pois se a dôr desabafo, não me queixo
Do arrastar desses pés , desses vestidos. . . .

E quando em breve me vier prostrar-me
Eterno somno, que estas dôres calma,
O corpo sepultai do pobre nauta,
Orai, Senhor, encommendai minh'alma ! . . .

M. B. A. V.

XXXVI.

DORMINDO.

I.

Oh ! dorme , donzella ! — Na relva macia
Teo corpo formoso procura descanso !
A aragem da noite perpassa-te as vestes
E tú endormida conversas com anjos !

Ao sopro das brisas , perfumes de rosas ,
Ao cantico d'anjos da etherea morada,
Ao som do ribeiro que longe murmura ,
Tú dormes, tú sonhas, tú fallas com Deos !

Oh ! dorme ! que a brisa fagueira das noites
Murmura-te amores, mostrando o futuro,
Por entre perfumes de candidas rosas,
Por entre mil hymnos da lyra do vate !

Oh ! dorme ! e descança teo peito qu' é presã
D'amor violento , n'um sonho formoso !
Em quanto velando, brincando co'a lyra
Eu sorvo prazeres ao vêr tuas faces !

A lua lá surge tão bella , entre as nuvens,
Cercada de gosos, de doces sonhares ,
E vem dar um beijo seos raios brilhantes
Nas tuas tão bellas, tão pallidas faces !

A brisa das noites entrando em teo seio ,
Erguendo essas gazes n'um candido beijo ,
Parece fallar-te do vate ditoso
Que á sombra d'amores a vida acalenta !

Teos lindos cabellos cahidos nos hombros ,
Banhados dos raios da pallida lua,
Parecem que guardão celestes thesouros
Que aos olhos do mundo ser devem occultos !

Teo braço formoso reclina-se á medo
Por sobre o vestido de nitidas gazes !
Teos labios vermelhos s'entreabrem sorrindo
A' brisa que passa, que dá-lhes um beijo !

E tú, ó meo anjo, dormindo na relva ,
Sósinha, sem medo de beijos profanos !
Sem medo que os olhos maldictos do mundo
Desejem thesouros, que puros encerras !

II.

Oh ! dorme ! mas deixa que o vate amoroso
Procure repouso bem perto de ti !
Que a fronte abrasada recline em teu peito
Que sinta o effeito d'amor puro , alli !

Que sinta teu halito puro abrandar-lhe
Da febre o rigor !
Que sinta teos labios formosos cerrados
N'um goso d'amor !

Oh ! dorme ! mas deixa que sorva os perfumes
Que manão de ti !
Que frua as delicias, que em sonhos dourados
Outr'ora frui !

Que o braço recline em teu candido peito
Que sinta-lhe o arfar !
Que vejas o vate velando a teu lado
No teu despertar !

Que gosa os prazeres que gosa dormindo
Na relva , ao luar !
Que os sonhos felizes que guardas na mente
Possa elle sonhar !

Oh ! dorme ! mas deixa que o vate amoroso
Procure repouso bem perto de ti !
Que a fronte abrasada recline em teu peito
Que sinta o effeito d'amor puro , alli !

III.

Mas.... não! Oh! não durmas! meo anjo formoso!
Não mostres encantos , dormindo ao luar !
Que podem meos labios sedentes de goso
Nos teos loucamente , de leve pousar !

Não durmas ! Desperta ! Vem vêr como é bella
A candida lua no céu a brilhar !
Vem lida fallar-me de Deos , ó donzella ,
Do céu onde outr'ora podeste habitar !

Vem pura teos braços cingir carinhosa
A' meo peito ardente — captivo d'amor !
E á fronte abrasada tua mão tão mimosa
Me dê da ventura o suave frescor !

Sentir como lavrão as chammas sagradas ,
Que tú ateaste , no peito qu'ê meo !
Mostrar-me nas fallas tão puras , banhadas
Nas agoas d'amor , o imperio do céu !

Unir tua fronte mimosa e ovante
Ao peito que louco por ti sinto arfar !
Fallar-lhe do nosso futuro brilhante
Que Deos quiz em sonhos a ti desvendar !

Desperta ! — Não durmas , meo anjo formoso !
Não mostres encantos, dormindô, ao luar !
Que podem meos labios sedentos de goso
Nos teos loucamente, de leve pousar !

XXXV.

APPARECESTE.

Quando a minh'alma procurava um anjo
Que só prazeres lhe podesse dar,
Appareceste, meo divino archanjo,
Visão gentil de meo febril sonhar.

Appareceste, quando a barca esguia
De minha vida a socobrar estava :
Quando só trevas no futuro eu via ,
Quando pesares no futuro olhava.

Appareceste, quando á lyra minha
Inspiração já não podia dar ;
E quando a morte tão cruel asinha
Ao longe via para mim andar.

Appareceste, que alegria n'alma !
Já tenho vida e sonorosos cantos !
E com ternura me trouxeste a calma
A este peito que só tinha prantos !

Appareceste , começou a aurora
De minha vida a me sorrir gentil ;
Quebrando as trevas que ella teve outr'ora
Deste-lhe gallas e fulgores mil.

Candida lyra
Enxuga os prantos,
Renova os cantos
Bellos d'outr'ora !
— Renova os cantos,
Surgio a aurora !

Venturas, gosos,
Divo prazer,
O meo viver
Possue agora !
— Posso viver
Surgio a aurora !

Trouxe alegria
A ti e a mim
Um cherubim,
Filho do céo !
— Um cherubim
Vida nos deo !

Não vês ? — Prazeres
Já tem minh'alma,
Já tenho calma
No peito meo !
— Já temos calma,
Amor nos deo !

XXXVI.

OS OLHOS D'ELLA,

Os olhos d'ella
São tão formosos
D'enfeitiçar !
Quando brilhantes
Nos meos se fitão
P'ra me matar !

Que luz tão doce
Despedem elles
No meo viver !
Dão-me venturas !
Fazem-me alegre
A enlouquecer !

Deos, mil estrellas
Em só dous olhos
Pôde juntar !
Depois contente
Quiz sua obra
Admirar !

De tanto brilho ,
De tanto encanto
Teve temor !
Temeo que elles
Ao sol tirassem
Todo o fulgor !

E que quizessem
Os céos e a terra
Os possuir !
E que os astros
Não mais quizessem
Nó céu fulgir !

São olhos d'anjo
Os que tem ella
P'ra me matar !
Quem pôde vel-os
Que não os ame
Té delirar ? !

Os olhos d'ella
Peitos de ferro
Hão de abrandar !
Porque elles sabem
Lançar-lhes fogo
Para os queimar !

Embora possa
D'amor meo peito
Enlouquecer,
Ai! não m'os roubem !
Que de tristeza
Posso morrer !

Elles a lyra
Dão sacro fogo
Ou inspiração !
E dão prazeres
Celeste chamma
Ao coração !

Os olhos d'ella
São tão brilhantes
D'enfeitear !
Quem póde vel-os
Que não os ame
Té delirar ? !

XXXVII.

SONHO.

Sonhei, ó donzella, que tu a meu lado
N'um leito macio de flôres formado,
Estavas comigo d'amor a fallar !
Foi sonho ! mas nelle por outra mais bella
A vida que vivo, tão triste, ó donzella,
Por outra mais bella
Eu vi-te trocar !

Ai! tu me fazias gosar mil venturas !
Ai! tu me tiravas do peito amarguras
Com teo sonoro, teo brando fallar !
Deos queira que possa no bom Paraíso,
Que tu me mostravas n'um terno sorriso,
No bom Paraíso
A vida acabar !

A rosa purpurea, innocente, formosa,
Que vê-se da haste delgada e mimosa
Seo doce perfume á brisa offertar,
És tu, ó bemsinho,—e amor é a brisa,
Que em ti —para sempre—fugaz se deslisa,
Amor é a brisa,
Perfume o fallar !

A aragem macia que os longos cabellos,
Em tranças atados, tão lindos, tão bellos,
De teo niveo seio fazia affastar,
Causou-me mil zelos, mil fortes tormentos,
Donzella, causou-me em tão poucos momentos,
Mil fortes tormentos
Por não os beijar !

Depois arroubado pedi-te um só beijo,
E tu recusando, colôres do pejo
Eu vi-te nas faces depressa assomar !
Depois perguntaste:—Quereis mil venturas.....
(Não creio! só sendo duas almas impuras.)
Quereis mil venturas
C'um beijo acabar ?

Com essa pergunta fugio apressado
O sonho fagueiro, que havia levado
O meo pensamento de gosos n'um mar !
E logo em meo peito milhares de penas,

Em vez de tuas fallas suaves, serenas,
Milhares de penas
Vierão morar !

.....

Ai! foi de meo peito fagueiro delirio,
Que tu transformaste em cruento martyrio
Por não me deixares um beijo te dar.....
—Beijarem-se amantes?!... foi sempre costume!
E agora não durmo,—oh! deixa, meo Nume
Quer seja costume,
Quer não,— te beijar !

XXXVIII.

A FOLHA-CAHIDA.

I

Encantadora folha
Da rosa das campinas,
Aonde leva-te a macia brisa ?
A' regiões mais dinas ?

II

A innocencia vaga
N'um mundo d'illusões,
Não teme da desgraça a força bruta,
Não teme vis tufões !

III

Dize-me, ó linda folha,
Quem foi que te roubou,
Da branca rosa, virgem das campinas,
E além te levou ?

IV

Acaso linda moça
Vio nella uma rival,
Por isto lhe roubou as folhas todas,
E a deixou só no val ?

V

Dize-me, ó linda folha,
Que tens tão pura côr,
O que fazes vagando pelo espaço ?
Vais vêr o teu amor ?

VI

Porque vagas ainda ?
Será talvez segredo ?
Porque queres abrigo achar seguro
Na rama do arvoredor ?

VII

Me dize, ó linda folha,
Porque abandonaste
A tua mãe, tão bella, e pelo espaço
Volitar desejaste ?

VIII

Ella era pura virgem
D'aurora ao despontar,
Innocente ostentava seus fulgores,
P'ra tão cedo murchar !

IX

Entre mil gorgeios
Do gaturamo lindo
Abrio as folhas candidas e puras,
E alçou o collo rindo.

X

A' luz do sol ardente
A rosa desbrochou,
Tantas gallas, primores e feitiços
Quem foi que lhe roubou ?

XI

Acaso a meiga brisa
Que tanto e tanto a amára,
Perfumes, gallas, matinaes primores,
P'ra sempre lhe roubára ?

XII

Ou quem sabe, linda folha,
Se a brisa quiz altiva,
Dar-lhe um beijo servente, incendiado,
E fazel-a captiva ?

XIII

E a rosa que era pura
Beijar-se não deixou,
E as folhas inda intactas, puras, bellas,
Ao longe arremessou ?

XIV

Dize-me, ó linda folha,
Quem foi que te roubou
Da branca rosa, virgem das campinas
E tão só te deixou ? !

XXXIX.

DESALENTO.

Tu já me déste n'um sorrir fagueiro
Celeste goso, divinal prazer;
Tu já me déste—no olhar primeiro,—
Luz tão brilhante que me fez viver.

Tu inspiraste os meos sonoros cantos
E amor —que amor!—tu me quizeste dar;
Então tu tinhas divinaes encantos,
Então fizeste-me a teos pés curvar.

Ai, dize a causa porque tu agora,
Ingrata, queres me matar de dôr?
E porque as juras que fizeste outr'ora
As esqueceste,—e o primeiro amor?

Ah! eu bem sei!—A borboleta esquece
As lindas flôres das quaes mel libou!
Assim agora teu cantar merece
Despreso forte, porque só te amou!

Zombas d'incautos como o oásis zomba
Dos viajores de frescor anciosos;
Agora mostrando da palmeira á sombra,
Tu á d'amor offerecendo gosos.

Mas, ah! d'aquelle que alcançar espera
A linda sombra de prazer coberta,
Cança-se, e a sêde no seu peito impera
Com mais rigores, e sua morte é certa!

Assim aquelle que em teu peito a chamma
D'um amor fido desejar gosar,
Terá supplicios—já Sysipho o chama
O mundo todo, porque é em vão tentar!...

A brisa passa n'um sonhar d'amores
No verde prado e no passar scismou!
Cortou seo vôo, despençou das flores
Folhas mimosas e a scismar passou!

Assim passaste pela turba douda,
Turba de jovens, e a passar scismaste!
Cortaste o vôo, e a ventura toda
D'este meo peito e a scismar passaste!

Mas, dize a causa porque tu agora
Em vez de riso me dás só pesar?
Porque quebraste, — te meo rosto córa!
O juramento que té vi jurar?

Donzella, tu não juraste
Ser fida ao primeiro amor?
E porque então acceitaste
Votos d'outro trovador?
Tu não sabias qu'um peito
Que á traição não era afeito
Não podia render preito
A um e outro cantor?

Donzella, tu não sabias
Que não podias amar?
Que tu nunca poderias
Constancia a ambos guardar?
E porque (ah! meo tormento!)
Quebraste n'um só momento
O mais santo juramento
Que eu vi jamais se jurar?

Um juramento sagrado
Que Deos só testemunhou,
E que agora é violado
Por ti! por quem o jurei!

Já que tu foste perjura
Não mais tu tenhas ventura,
Embale-te a desventura,
Como amor já m'embalou !

Vive ! donzella perjura !
Vive uma vida infeliz !
Já que tiraste a ventura
A quem venturas te quiz !
Vive com o trovador
Que mereceo teu amor,
Qu'eu inda verei sem dór
Curvada tua cerviz !

XL.

VIESTE ?

Gostei, Elisa, de ver-te
Cahida no chão, cahida,
Como que arrependida
Da passada ingratidão !
E de sentir teu coração
Onde a virtude só mora
Fugindo da perdição !



Choraste muito, ó Elisa,
Quando naquelle momento,
Ao passar da branda brisa
Mandei-te meo *Desalento* !



Choraste e arrependida
Da passada ingratidão,
Vens tu a meo coração
Um novo amor offerar !
Não co'aquella voz mentida
Pela traição revestida
Que tu enlão off'receste
A' mim, a teu trovador !
Mas co'aquella que inspirar
Outr'ora tu me soubeste !



Choraste ! Gostei de vêr
As tuas faces mimosas
Cobertas de lindas côres,
Quaes em purpurinas rosas
Costumão apparecer,
Quando do sol aos ardores
Os castos seios entreabrem !



Choraste ! Que doce pranto
De teus olhos deslizou-se,
Então no peito ateou-se
O desejo de n'um canto
De meo coração guardal-o.....
Mas quando quiz apanhal-o
Enxugaste-o.... foste ingrata !..
Sabes que a lympha de prata

Recebe da noite o orvalho
Porque ella mesmo o gerou....
Enxugaste-o.... de receio
Qu'um beijo quizesse dar-te ?

* * *

Um beijo ! celeste enleio
Dá ao peito delirante !
Elle augmenta a diva chamma
Que nelle Deos infiltrou !
Se receio te assaltou
Devias bem te lembrar
Que dous amantes juntar
N'um só peito faz Amor....
Porque amor é um sentimento
Que junta um pensamento
Com outro de alma igual,—
—E' quem duas ternas almas,
Mimosas, puras, quaes palmas
Somente n'uma transforma,—
E' o balsamo que entorna
Sobre as desgraças da vida
O Senhor Omnipotente,
Que faz tudo sabiamente !

* * *

Choraste muito, ó anginho,
Té por isto te perdôo;
E por saber ser um vôo
De tua gran fantasia

Quererés gosar n'um dia
De dous cantores os hymnos
P'ra veres quaes mais divinos,
Mais puros ou bellos éráo,
Porque ambos inspirados
Par'cião d'amor na chamma !

* * *

Agora muito cuidado
Com o Amor, minha Elisa....
Elle fica desgostado
Quando a branda meiga brisa
Conta o que hão segredado
Dous amantes e' um anginho.

* * *

Amor é só puro emquanto
Se deixa ir ateando
Com fé seo fogo, no entanto
Se se fôr a fé perdendo
O amor s'estará vendendo
Por vis cantos, por teléias
Que offerecem as sereias
Que no mundo estão vivendo.

* * *

Toma cuidado, ó bemsinho,
Com esses homens fallazes,
Que sendo novas sereias
Podem lançar-te nas veias
Veneno de perdição !

XLI.

O BEDUINO.

Sosinho, errante,
Pelo deserto
Com pão incerto
Para amanhã,
Vivia triste
Sem ter um'alma
P'ra dar-me a palma
D'amor louçã.

Sem companheiros,
Sem ter amores,
Sentio rigores
O peito meo,
Buscando embalde
Uma menina
P'ra dar-lhe dina
Chamma do céu.

Procuro embalde
Uma donzella
Que torne bella
A minha vida;
Se vejo alguma
Depressa digo:
—Vem ter comigo !
—Vem! ó querida !

Ella responde:
Pelos desertos
Passos incertos
Jamais darei !
Ah! foge! foge!
Senão pereço!
Vive! te peço
Sosinho—rei !

Oh! que desgraça
Viver sósinho
Sem casto anginho
Ao lado ter !
Sem ter quem me ame...
Quem dê-me as flores
De mil amores
Posso viver ?

Ai eu não posso
Viver sosinho
Sem ter um anginho
Ao lado meo !
Por isso o busco
Andando errante,
Aqui, distante
Do paiz meo !

XLII.

ÀS ARMAS !

(CANÇÃO.)

A's armas corramos
Mancebos briosos !
No campo sejamos
Dos mais valorosos !
No peito só tendo
Firmeza e valor
Iremos vencendo
Do fogo o rigor !

A patria querida
De nossos avós,
Ah! foi offendida
Vinguemol-a nós !

Vinguemos a terra
De nossos passados,
Que forão na guerra
Tão fortes soldados !

A patria vinguemos
De nossos avós
Ao campo voemos
Embora que sós !
— Seirão off'recidas
Aos manes sagrados
Dos bravos soldados,
Dos jovens as vidas !

O imigo corramos
Que quer-nos manchar
A patria que herdamos
Sem guerra ou lutar !
Mancebos, vinguemos
Os lares queridos
Ou então 'stendidos
No campo fiquemos !

Mancebos corramos
Co'as armas na mão !
O imigo banamos
Do patrio torrão !
Teremos nós louros
De altas victorias,
Tropheos e mais glorias,
Da guerra thesouros !

A's armas corramos
Mancebos briosos !
No campo sejamos
Dos mais valorosos !
A patria querida
De nossos avós,
Ah! foi offendida,
Vinguemol-a nós !

XLIII.

EU SOFFERO E CALO.

Tu perguntas porque a lyra
Já não tem singelo canto
Cheio de galla e d'encanto
Para saudar a manhã ?
E porque as pallidas faces
Trago innundadas de pranto
Em vez das côres vivaces
Da juventude louçã ?

Tu perguntas porque triste
E' de tarde o meo scismar,
Quando lanço sobre o mar
A minha vista profunda ?
Ou quando a pudica lua
Vejo além no céu brilhar,
Indo sobre a praia nua
Das fadigas repousar ?

Tu perguntas.... mas, donzella,
Que dos céos foste descida,
Não deves saber a vida
Do solitario cantor !
Não deves porque em tu'alma,
Da virgindade guarida,
Póde tirando-lhe a calma
Dar-lhe martyrios e dôr !

Eu choro e muito!... pois soffro
No peito cruentas dôres;
Soffro e calo mil rigores
Da sorte no peito meo !
Porque assim ordena o mundo
Composto de mofadores,
Que ao cantor martyrio fundo
Dá, em vez de meigas flôres !

XLIV.

AH! TU NÃO SABES.

Ah! tu não sabes, que em meu peito amante
Tens triumphante mui subido altar !
E que á tardinha, de minh'alma olhares
Passão os mares para os teos fitar!

Ah! tu não sabes, que a teos pés curvado
Eu hei estado n'um febril sonbar !
Só contemplando a virginal belleza
Que a natureza quiz-te, Elisa, dar !

Ah! tu não sabes qu'inflammado o peito
Te está sujeito pelas leis do amor !
Que só de ver-te — mil dourados sonhos,
Cantos risonhos vem do peito á flôr !

Ah! tu não sabes como o terno peito
Te está sujeito no febril sonhar !
Ah! se soubesses, tu cortando o espaço
Um terno abraço lhe virias dar !

E que prazeres sentiria a alma !
Teria eu calma te podendo ver !
Que cantos bellos minha joven lyra
Ai, se t'ouvira deveria ter !

Ah! tu não podes ! mas meo simples canto,
Tu, meo encanto, não esqueças ! Não !
Que eu quero ainda sobre o chão rojado
Ser teu escravo,—qu' é melhor canção !

XLV.

DO QUE MAIS GOSTO.

Gosto de ouvir na selva o passarinho
Seos amores contente descantar;
Ou terna rola do gentil filhinho
As desgraças na matta lamentar.

Gosto de vêr duas garças delicadas
Da tarde á viração
Varrendo a extensão
Do mar com suas azas mui nevadas.

Gosto de ouvir na solidão a brisa
Entre a rama do bosque sussurrar;
Ou do lindo regato que deslisa
Perdido lá no prado o murmurar.

Gosto de vêr n'uma manhã divina
Brilhar o ardente sol,
Porque lindo arrebol
Vem a meo peito aonde amor domina.

Gosto do som marulhoso da cascata
D'uma altura immensa a se lançar,
Cobrindo pedras com lenções de prata
P'ra depois nos abysmos se finar.

Gosto de vêr a bella laranjeira
Enfeitar-se de flores,
Porque os seus amores,
A primavera, lhe sorri fagueira.

Gosto de ouvir uma cantiga amena
Do marinheiro quando em alto mar;
Ou se no prado por manhã serena
D'aves agrestes o gentil trinar.

Gosto de vêr—se estou na soledade,
N'um céu de puro anil,
Cercada d'astros mil
Vagar a lua—o emblema da saudade.

Gosto de ouvir o murmurinho grato
Ou os feios urros do salgado mar;
Porque são elles—aí! de mim!—retrato
Deste meo peito em afanoso arfar.

Gosto de vêr n'uma manhã serena
A rosa no jardim,
E o nevado jasmim,
E o cravo e o bogari e a açucena.

Gosto de ouvir á noite—se perdida
Eu vejo a lua n'amplidão vagar,
A voz d'Elisa, que me faz a vida
Um paraíso venturoso achar.

Gosto de vêr toda a natureza
Cercada de fulgor,
Saudando o Creador,
Saudando á quem lhe dêo tanta belleza.

XLVI.

O ADEOS DO SOLDADO.

Adeos fada que deste ventura
E prazeres a meo coração !
Adeos fada ! — Minh'alma tortura
Fortemente cruel afflicção !

Adeos fada ! — E' preciso deixar-te.
Ai ! deixar-te ? ! . . . que sorte cruel !
Mas á campo me chama o deos Marte
E' preciso marchar. . . . ser fiel !

Tú, meo anjo, que deste-me vida
Quando a morte me estava a chegar ,
Viverás a meos sonhos unida ,
Viverás té á campa eu baixar.

Que prazeras meo peito sentia
Quando estava bem junto do teu !
Que prazeres ! . . . Que doce alegria ! . . .
Alegria dos anjos do céu !

Quando eu 'stava contigo á janella
N'essas noites de bello luar,
Não te lembras as juras, ó bella,
Que constante te fiz de te amar ?

Não te lembras ? — Tambem tú juraste
Ser constante, ser terna e fiel. . . .
Testemunha ! tú á lua tomaste ! . . .
Testemunha ! eu a Marte cruel ! . . .

Não me olvides, donzella querida ,
Que tambem te não hei de olvidar ; —
Quando a lua no mar reflectida ,
Quando á campo fôr eu pelejar !

Não me olvides ! — Depois da victoria
Hei de vir-me lançar aos pés teos ,
E dizer-te : — Eis aqui minha gloria. . . .
Mil feridas. . . . honrosos tropheos !

Não me olvides ! — Que quando dos tiros
O ribombo no campo se ouvir ,
A ti só mandarei meos suspiros ,
A ti só. . . . tú lhes has de sorrir !

Não me olvides ! — No campo se a vida
A metralha poder me roubar ,
De lá mesmo minh'alma partida
A' tua alma virá se juntar.

E' meo sangue da patria querida ,
Mas minh'alma é só tua, meo bem !
Qual serei tú serás tambem fida
Ou na vida, ou na tumba ou além !

Adeos fada ! — E' preciso deixar-te !
Ai ! deixar-te ? ! . . . que sorte cruel ! . . .
Mas á campo me chama o deos Marte
E tambem devo ser-lhe fiel ! . . .

XLVII.

E'S TU ELISA....

E's tú Elisa

A linda virgem de meos sonhos bellos ,
A constante visão de meos amores ,
Que em sonhos innocentes presentira
Cercada de mil flôres.

E's tú Elisa

O anjo que na terra em vão buscava ,
E que cercado de belleza agora
Se me apresenta , promettendo gosos
Ao despontar d'aurora.

E's tú Elisa

Anjo innocente que de Deos o throno
Por muito tempo com prazer guardaste ,
E que meos prantos, meo pesar infindo
Mitigar deseja-te.

E's tú Elisa

A flôr mimosa dos jardins do Eterno
Que derrama poeticos perfumes ,
Que dá vida aos que tem no peito terno
Lamentos e queixumes.

E's tú Elisa

A mais brilhante perola do Universo
Do mar do Eterno por mim só colhida ,
E que entre mil perfumes e harmonia
Estás a mim unida.

E's tú Elisa

De minha vida senhora, e minha lyra ,
E meos cantos, presente e meo futuro ,
Agora te offereço, como prova
Do amor mais doce e puro !

XLVIII.

O TEO SORRISO.

Tú és tão bella
Como a rosa entr'abrindo o casto seio ,
Com tantas côres, perfumadas gallas ,
Que n'um doce scismar nos traz enleio
Ao peito que não tem vividas fallas
Para exprimir tal goso, prazer tanto !
— Como a lua brincando circundada
De venturas, saudades e d'encanto
Tú és tão bella !

Tú és tão pura
Como o perfume das mimosas flôres !
Como o riso d'aurora purpurina !
Como das brisas os gentis frescôres
Que dão ao prado uma colôr divina
E nova vida e luz e doce encanto !
— Como da rola o bello amor primeiro ,
Como das aves matutino canto
Tú és tão pura !

Tú scismas tanto

Quanto scisma o poeta em sua lyra !
Como scismão no prado lindas flôres
Se a brisa em suas folhas esculpira
Celeste beijo, divinaes amores !

— Como scisma o poeta inda innocente
Na visão que em seos sonhos presentira
Vestida com setim alvinitente

Tú scismas tanto !

Tú és carinhosa

Como a brisa affagando a flôr agreste !
Como a aurora offertando ao verme impuro
Uma luz tão suave, que o reveste
De côres mil, e dá-lhe prazer puro !
— Como a rola affagando o tenro filho ,
Como a lyra do vate á mente pura
Offertando prazeres, doce brilho,

Tú és carinhosa !

Tú és carinhosa

Porque affagaste á quem só tinha prantos !
Porque offertaste luz suave e pura
A' flôr agreste que não tinha encantos
Ou vida ou côres ou sequer ventura !
— Porque off'receste n'um bondoso riso
Ao pobre vate que só tinha a lyra ,
O teu constante amor , meo Paraizo ,

Tú és carinhosa !

XLIX.

NO ALBUM

DE

Henrique Affonso Vera.

Que queres, meo amigo, do poeta
Que passa a vida a maldizer amores?
E cujo peito na estação das flôres
Triste, não póde um só prazer achar?
Que queres, dize, de quem tem soffrido,
Como eu, horrores da maldicta sorte?
— Queres que um canto como a fria morte
Triste, sombrio, venha aqui deixar?

Eu sei! Desejas um singélo canto
Purificado na sagrada pyra
De um casto amor, mas minha fraca lyra
Hoje não sente divinal amor!
Sem cordas d'ouro, sem virentes palmas,
Ella abraçou-se c'uma fria campa,
E em minhas faces juvenis s'estampa
Da morte fera o tão cruel pallor!

Pensavas tñ que desfructava a vida
Gosando *d'ella* divinaes sorrisos,
E que ao futuro dirigia visos
Meo terno peito com ardente fé ?
— Se tal pensaste te enganaste e muito !
Porque só vivo de cruentas dôres ,
Porque meo peito em juvenis amores
Orfão, coitado, sem prazeres , é !

Julgaste , meo amigo , que ditosa
Seria a vida minha nos amores ,
E que a teo album perfumadas flôres
Daria n'um lampejo de poesia !
Mas quanto t'enganaste agora o sabes !
Julgando que ao sorrir da bella aurora
As flôres respondião , quando chora
Roxa saudade sobre a campa fria !

Eu não devia te fallar nas dôres
Que me torturão sem cessar o peito ,
Mas que faria ? — se já sinto o effeito
Da fria campa a lyra entristecer ?
Se não podia regeitar teo album ,
Nem dar-le um canto de subida gloria ,
O que faria ? — Te contar a historia
Deste meo peito que não tem prazer !

L.

MALDIÇÃO DE UM PAGÉ.

Quando outr'ora os valentes guerreiros
O clangor do *boré* escutavão,
D'arco e settas depressa se armavão
Para serem no campo primeiros ;
Mas os d'hoje quão fracos que são !
Quando tóco o *boré* bellicoso,
N'um só brado fremente , raivoso ,
Lançam todos a mim maldicção !

Maldicção ? pois *Tupá* não anima
Os guerreiros que gostão da guerra ?
• Não deseja *Tupá* vêr por terra
Essa tribu que outrem domina ?
Como então me lançais maldicção ?
Como então vós fugis de medrosos ?
E os arcos valentes , formosos ,
Vós lançais , preguiçosos , ao chão ?

Quereis antes ficar prisioneiros,
Do que serdes na guerra mui bravos ?
Quereis antes ficar sendo escravos
Do que serdes valentes guerreiros ?
Quereis antes servir aos *Carybas* ,
Do que estardes gosando mil festas
Lá no seio das nossas florestas ,
Ou aqui nestas flóridas ribas ?

Ai ! *Tupá* ! pois tu lá onde moras
Não vês estes teos fracos , vis filhos ?
Não vês elles deixarem os trilhos
Qu'ensinaste aos guerreiros d'outr'ora ?
Não vês elles as armas largarem
E fugirem p'r'o campo inimigo ?
E crianças milhares , comigo ,
Não vês elles na *taba* deixarem ?

Como então, ó *Tupá* , aos traidores
De teos raios não mandas milhares,
E a fome e a peste a seos lares
Tú não mandas e mais mil horrores ? . . .
— Algum dia *Tupá* mandará
Fome e peste fazendo alliança ,
E então sabereis que á vingança
Taes horrores só guarda *Tupá* !

LI.

FAZES BEM.

Fazes bem ! fazes bem em ser soberba ,
Em desprezar aquelle qua t'offerta

Um puro amor !

Fazes bem ! mas não tomes nuvem bella
Por Juno, ou não dês a cobre impuro
D'ouro o valor !

Fazes bem ! fazes bem ! Talvez qu'um dia
Arrependida estejas de soberba

Me desprezar !

Talvez qu'estejas algum dia humilde
Ao chão rojada, n'um chorar constricto
A me chamar !

Fazes bem ! fazes bem ! Confessa agora
Se póde haver no mundo um amor puro

Qual eu te dei ?

Confessa se existir póde quem soffra
Por ti martyrios (com vergonha o digo)

Quaes soffrido hei ?

Fazes bem ! fazes bem ! — Prosegue incauta
Borboleta gentil no teu infante ,

Louco brincar !

Borboleta, prosegue, mas não chegues
A' muita luz, que póde tuas azas

Bellas queimar !

Fazes bem ! fazes bem ! mas não dês credito
Ao ouro e pergaminhos que possue

O meu rival !

Porque tu sabes qu'elle é mentiroso....

Porque nem tudo quanto luz é ouro ,

Por nosso mal !

Fazes bem ! fazes bem ! — Diz-se que ás vezes
Não é bom, muito bom, com manso gato

Gente brincar ?

Porque da festa no melhor vem elle

Com seo carinho em quem lhe dá mil beijos

Unhas ferrar ?

Parece que é verdade !—porque eu louco,
Sem conhecer a fundo esse teu peito

O quiz amar !

Para da festa no melhor, ingrata ,
Não arranhões, mas um despreso forte
Elle me dar !

Fazes bem ! fazes bem !— e não é pêta,
E *honny soit qui mal y pense*,

Ou duvidar

Do que vou te dizer:—Tu crêr não deves
Que por ti fique louco, pois juizo
Tenho a faltar !

LII.

A' MEU AMIGO

Eliseu Guilherme da Silva.

Tú, que affagaste de minh'alma os vãos
Primeiros — soltos do gosar no albor,
Ai, não despreses minha fraca offerta:
— MINHAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES D'AMOR !

Ai, não despreses ! No meo peito vive
A chamma d'essas impressões d'AMOR....
Vivem saudades d'esse pallido anjo
Que parecia emblema ser da dôr. . . .

Erão saudades dos jardins do Eterno,
Aonde a vida lhe sorrio sem dôr ,
Que lhe trazia pallidez ás faces ,
N'ella a belleza que inspirava AMOR.

Depois, a virgem no volver de dias
Criou nas faces matinal colôr,
E bella e pura, soluçando e rindo,
Deo-me venturas no almejar de AMOR.

Depois, corri por áreas ardentes,
Galguei montanhas p'ra ganhar a FLÔR.
Corri bem mais do que Mazeppa, o forte,
Porque minh'alma me bradava — AMOR.

Ah ! meo amigo ! lá n'um prado ameno
Achei a casta habitação de AMOR !
Achei poesia ! — goso ledô n'alma
Tive, que deo-me tão ingenua FLÔR !

Hoje te offerto as impressões primeiras
Tidas ao vel-a com mortal pallor.
Guardei as rosas para dar á virgem
Em troca, quasi, de seo casto AMOR !

Chamo-a Elisa, mas seo nome vero
Sabe esta lyra que decanta AMOR.
Não o declaro porque o mundo temo,
Temo que queira me roubar a FLÔR.

IMPRESSIONES D'AMOR.

I

Pallida estava, como o fresco lirio
Ao romper da manhã !
E como o fresco lirio tinha n'alma
Da sagrada innocencia a diva palma
Para a tornar louçã !

Ao vel-a assim tão pallida e tristonha
A julgáras não ser ! . . .
Si ella os olhos puros dirigindo
Aos teos fallos de goso, tú sentindo
Te não fosses viver !

Nos olhos não verias chammas vivas,
Mas sim doce langor,
Que enlevando tu'alma te faria
Desejar com ardor ditoso dia
P'ra fallar-lhe d'amor !

Nas formas seductoras — na cintura
Onde o pudor existe ,
Que sonhos á tu'alma inspirarião !
Que sonhos teo futuro dourarião !
Ah ! tú não a viste ! . . .

Sou ditoso, meo Deos ! As tranças bellas
Tão frouxas a ondear
Só eu ditoso as vi ! — só eu desejos
De as fazer atar em ardentes beijos
Tive — a delirar !

Seos labios que no doce e puro orvalho ,
Chamado da innocencia ,
Tem desde o nascer sido banhados,
Dar-me-hião flôres, dias encantados,
D'amor na existencia !

E os olhos — de su'alma portas francas —
Tinhão divo fulgôr !
E ás vezes que de lagrimas soltavão !
E ao vel-as mil desejos me assaltavão
De fallar-lhe d'amor !

Se choravão seos olhos a su'alma
Como seria então ?
Como então estaria torturado
A lamentar talvez lindo passado
Seo puro coração ?

Mas tú , ai ! não a viste ! Quão ditoso ,
Quão feliz julgo ser !
Porque se a visses tú serias louco
E n'um instante ou tú viveras pouco ,
Ou quizeras viver !

Eu sou ditoso porque vi seos olhos
Tristemente a brilhar !
Não com o brilho de pharol ardente,
Mas qual estrella no brilhar languente
Por noite de luar !

Eu vi-a uma só vez ! mas sou ditoso
Porque tristonha a vi !
Por vêr seos olhos languidos chorando !
Por vêr as suas tranças se ondeando ,
Porque ao vê-la vivi !

Ella chorava — mas talvez su'alma ,
Talvez que sinta amor !
Porque também eu chóro, mas no peito
Tenho um volcão d'amor que não tem leito
Senão no seo langor !

Ao vê-la assim tão pallida e tristonha
A julgáras não ser !
Mas ao sentir seo halito cheiroso
Serias como eu louco amoroso,
Amor a lh'off'recer !

II.

Pallida e bella ! Bella como a estrella
No pallido brilhar !
Quem te vira, visão candida e bella ,
Sem no peito, sentir chamma singella
D'amor a rebentar ?

Era uma estatua, talvez ? Não sei ! nos olhos
Tinha fogo do céu !
Se fosse estatua só então quizera
P'ra dar-lhe em beijos vida prazenteira,
Ser martyr, — Prometheo !

Que pallido que 'stava o anjo puro
Que vi e que fugio !
Ah ! eu não sei quem pôde meos desejos
Reter, — porque queria dar-lhe beijos
No rosto talvez frio !

Vi-a . . . sorri-lhe ! De seos olhos negros
Que lagrymas correrão !
Ditoso me julguei, por ver o pranto ,
Mais bello do que a perola no encanto ,
Que seos olhos verterão !

Eu julgava que em todo o mundo — pranto
Só eu era a verter !
Mas ditoso que sou ! tambem chorava
Esse archanjo que vi ! . . . porque chorava
Não sei ! não sei dizer !

Quando as mulheres pallidas tem pranto
Nos olhos a brilhar ,
Que dôr lhes punge o peito ! que d'espinhos
Tem achado da vida nos caminhos,
Tem achado no amar !

E eu que sou igual em tudo, em tudo,
E mesmo no chorar,
Porque lhe não daria minha vida
Só por vê-la a meu lado bem unida,
Amor a me offertar ? !

Ella a meu lado. . . mas siquer o goso
Terei de a rever !
Vi-a. . . sorri-lhe ! e qual sylpho ligeiro
Fugio, de incenso envolta em nevoeiro,
E não pôde-a reter !

Era uma estatua, talvez ? Não sei ! nos olhos
Tinha fogo do céu !
Estatua se ella fosse, eu só quizera
P'ra dar-lhe em beijos vida prasenteira,
Ser martyr, — Prometheo !

III.

Pallida estava — por sonhar amores
Talvez essa mulher !
Labios cerrados, tranças ondulantes !
Cintura presa ás fitas scintillantes,
E os seios a tremer !

Ao vê-la talvez tú, mancebo, louco
Tú ficasses talvez !
Talvez ebrio d'amor quizesse beijos,
Que são os juvenis, castos desejos.
Imprimir-lhe na tez !

Ninguém ao vêr a deosa da Volupia
Abraçada a Tristeza,
Deixaria de amar ! de ficar triste !
Porque peito de joven não resiste
Ao chorar da belleza !

Lirio do val — quem deo-te tantas gallas ?
Não pôde perguntar !
Porque volvendo os olhos a buscal-a
P'ra fallar-lhe d'amor não pôde achal-a ,
E me puz a chorar !

Talvez fosse um archanjo que vagasse
A' procura de mim !
E que ao me achar — qual rola busca os ares
Quando encontra o esposo nos pomares ,
Talvez fugisse assim !

Ao vêr-me ella chorou ! Eu vi que lagrymas
Seos olhos inundavão !
Eu vi quanta tristeza às tranças tinham !
E os seios a tremer ! que almejos vinhão
E meo peito assaltavão !

Talvez cofre d'amor fossem seos seios ,
No tremer , palpitar !
Mas eu siquer gosei tanta ventura
Qual de fallar a essa virgem pura ,
Que encontrei a chorar !

Talvez, meo Deos ! talvez que tenha o goso
D'essa estatua rever !
Estatua porque é neve ! mas nos seiós
D'amor terá os virginaes enleios
No arfar , no tremer !

Talvez , meo Deos, talvez que em primaveras
Eu possa amor lhe dar !
Porgue a veja outra vez, qual flôr singella,
Pallida , sim ! com a colôr d'estrella
Por noites de luar !

Então não fugirá ! D'amor na febre ,
Talvez té com furor
Lance-me ás tranças suas, e lhe diga :
Sê tú meo guia , minh'estrella amiga !
Ai ! dá-me teo amor !

E ella que chorava n'outros dias
Talvez que diga : — sim !
Porque se triste sou — tristonha é ella !
Fundão-se as almas n'uma só mais bella
E vivamos emfim !

IV.

Pallida e triste ! — Triste como a rola
O esposo a chorar !
Talvez que a sorte infausta lhe roubasse
O caro noivo , e pallida ficasse
Por não o acompanhar !

Triste ella estava , como a rola terna
Que o esposo perdeu !
E que vendo seos filhos — seos amores
Lamenta o seo passado, chóra as flôres
Que o vendaval varreo !

E como a rola terna ella chorava
O passado, talvez !
E ás vezes que soluços de seo peito
Fugião ! —d'elles o funesto effeito
Pinlava-se na tez !

Ella pallida estava ! eu tambem triste ,
Tambem pallido sou !
A dôr antes, talvez, d'estar-me n'alma
Já lhe havia estuado dentro d'alma ,
E a tez lhe descorou !

Pallida e triste ! mas tão bella que era
Cheia de pallidez !
Era tão bella como a luz languente
Que lança a lua sobre o mar dormente ,
A sua pura tez !

Mas fugio-me essa pallida donzella,
E onde jaz não sei eu !
Senti que ha fugida almos perfumes
De seos seios fugião, quaes queixumes
De quem amor perdeu !

De branco estava a pallida donzella,
Que lindo é tal vestir !
Lirio nas vestes e tambem nas côres,
Devia sentir n'alma seos odores,
E pureza sentir !

Mas fugio-me esse archanjo ! Sou inquieto
Porque o quero rever !
Quero beijar-lhe a tez empallecida ! . . .
E lançar-lhe a seos pés a minha vida ! . . .
Depois ? depois ? — morrer !

Depois quero morrer ! ou então com ella
Larga vida gosar !
Gosar a vida no amoroso enlevo
Que tem só sido d'um viver mancebo
Meo unico sonhar !

V.

Pallida e triste ella preside aos sonhos ,
Aos sonhos meos d'amor !
Sinto ella ás vezes me roçar a fronte ,
Com sua mão formosa , alvinitente ,
Onde não ha calor !

A's vezes me levanto em sobresalto
A procural-a, — é em vão !
Sei que estivera porque sinto olôres
Perto de mim e a murmurar amores
Meo triste coração !

Outras vezes as tranças brandamente
Apalpo — com amor !
Se quero dar-lhes beijos vão fugindo !
Se fujo de as palpar ellas vem vindo
Impregnadas de olôr !

Sinto ás vezes seos braços frios, frios ,
Sobre mim recostados !
E tambem sinto os labios docemente
Se poisarem na minha fronte ardente,
Mas sempre enregelados !

Longos suspiros sóta o anjo pallido
A fronte ao me beijar !
E os seios a tremer — a arfar d'anceios
Me fazem minhas faces de receios
Brandamente corar !

A's vezes me levanto — a noite é alta ,
Vaga a lua no céo. . . .
Pego da penna escrevo — faço versos !
E logo pelo chão faço-os dispersos !
— Terrivel fado é o meo !

Outras vezes me accordo — os labios rindo
A vel-a estava eu. . . .
Choro depois ! depois fico tristonho !
E p'la noite adiante vejo em sonho
Casimiro d'Abreu !

Eu fico triste — porque inveja tenho
D'esse joven cantor !
Ah ! se eu tivesse a lyra que elle tinha
A pallida visão dourar-me vinha
Os meos sonhos d'amor !

Mas, ai! qual sou—que importa essa donzella
De pallida corôr ?
Se não tenho canções, não tenho lyra,
Não é meo peito da poesia pyra ,
E' só pyra do amor ? !

Sinto seos labios sobre os meos poisados ,
Sua mão em meo peito !
Mas quando me desperto que é da imagem
Que em sonho vira com gentil roupagem ?
O sonho é já desfeito !

Pallida e triste ella preside aos sonhos
Aos sonhos meos d'amor !
Si quero dar-lhe beijos vai fugindo !
Si fujo de a beijar ella vem vindo
Impregnada de olôr !

Desterro, 186. .

LIII.

PODER DOS VERSOS.

Vem sentar-te , anjo adorado ,
Aqui bem perto, a meo lado ,
Que desejo conversar !
Vem sentar-te, que desejo
Comtigo d'amor fallar !

Quero contar-te um segredo. . . .
Não fujas ! não tenhas medo
De teo joven trovador !
O segredo— são mil fallas
Inspiradas por amor !

Não vês tú, formosa Elisa,
Como beija a meiga brisa
As florinhas do jardim ?
— Sentindo-a tenho ciumes ,
Tenho ciumes sem fim !

Porque a vejo venturosa
Beijando uma linda rosa
E mais outra e outra além,
Emquanto esquiva me foges
Sendo tú meo caro bem !

Mas porque foges ? — A rosa
Não vês deixar , amorosa
A branda brisa beijal-a ?
— Eu desejo que tú possas
Pura, constante imital-a !

E tú sabes que o desejo
Que tenho de dar-te um beijo
Devo agora saciar !
Consentes ?
— *Você é louco ? !*
Isso lá não tem lugar !

Não tem lugar, tú me dizes ?
— Elisa, não mais me pises
As fibras do coração !
Não deixas beijar ao menos
A tua nevada mão ?

Querida Elisa , não deixas
Beijar as tuas madeixas ,
Beijar os vestidos leos ?
Consentes ?

— *Meo Deos ! que praga !*
Eu me vou embora ! — Adeos !

Já vais ? — *Demora-te um pouco !*
Deixas. . .

— *Vossê é louco*
Com tanto e tanto exigir !
Tú me foges ?
— *Já lhe disse*
Que não devo consentir !

Queres vêr como eu t'obrigo
A vir conversar comigo ? . . .
— *Vossê ? — a mim ? — ah ! ah ! ah !*
Queres vêr — *escuta um pouco !*
Escuta ? !
— *Não volto lá !*

Volta ! senão eu mais versos
Te não faço !
— *Porque não ha de fazer ?*
Inda tú fallas assim ?
Queres vêr ?
Responde, Elisa ! diz : *sim !*

Voltas sempre ? !
— *Eu volto já !*
Deixas beijar-te ?

— *Porque não hei de deixar ?*

Ora aqui está ! — Te beijei !

E tua lei

Sempre eu hei de respeitar !

E's tão bella !

— *Vossê agora*

Me dá versos ?

Pois porque não hei de dar ?

— *Jure ?*

— Juro !

— *Vivace ?*

Tome a face

Outro beijo pôde dar !

LIV.

OS TEOS OLHOS.

Os teos olhos tão puros, formosos ,
São dous sóes meigamente a brilhar ;
Sóes que á vida dão gosos , encantos ,
Que venturas me fazem gosar.

Ternos raios que matão d'amores
Mandão elles a meo coração ;
Ternos raios , tão lindos , tão puros
Que me fazem do peito um volcão.

Vivem elles n'um céo de venturas ,
Embalados nos braços d'amor ,
Infiltrando nos peitos mais ternos
Vivos raios — ventura e calor !

E quem póde fital-os de perto
Sem sentir-se d'amor prisioneiro ?
Sem que sinta no peito venturas ,
Puros gosos d'amor verdadeiro ?

Sob as puras gentis sobranceilhas ,
De velludo arqueado coxim ,
Dormem elles o somno mais puro
Que o perfume do nardo ou jasmim !

LV.

AMORES.

Quando em tristesa minha lyra envolta
Não tenha cantos festivaes, ardentes,
Nem cordas d'ouro,
Nem sons frementes ,
Pede, ó donzella ,
Ao Nume louro
Cordas douradas — o meo thesouro !

Quando incessantes de prazer anciosos,
Ciosos
Meos olhos busquem-te, ó gentil donzella ,
Zella
A sua magoa , e corre pressurosa ,
Rosa !

Quando meos labios não murmurem fallas
Pelas chammas d'amor incendiadas,

Quando a desgraça ,
Desesperadas
Canções os faça
Tristes soltar ;
Felizes, quentes, os vem tornar !

Quando as flôres de meo peito qu'ridas
Idas
Sejão á campa , á força de desgraça ,
Graça
Vem trazer-lhes e vida e luz , frescôres ,
Côres !

Quando meos labios de sorrir s'esqueção ;
Quando meos olhos por chorar se cerrem ;
Quando meos cantos
Já não encerrem
Maga alegria ,
Divos encantos ;
Quando em meo peito só existão prantos

Rouba as azas dos anjos pressurosa ,
Rosa !
E corre a teu constante trovador !
A dôr
Dos labios me afugenta, dá encantos ,
Cantos
A' lyra já sem cordas, e á minh'alma
Calma !

LVI.

VOTO CUMPRIDO.

A lua mui leda divaga no espaço ,
A terra innundando de pallida luz,
E as nuvens formosas, por mystico braço
Suspensas, lá pairão, lá correm á flux.

Dormida se mostra a soberba cidade
Que ha pouco de dia lidava co'affan ;
Não vê-se á janella formosa beldade ,
Não vê-se na rua passar a aldêã.

Envolve-a profundo silencio e mysterio
Quebrados apenas por longas passadas,
D'um vulto , que ao longe seo manto funereo
Lá vai arrastando no pó das calçadas.

Trez horas ! — e o vulto seo manto tomando
Hardido seos passos voltou para além ;
Talvez que a beldade o esteja esperando
Sósinha, á janella. . . . talvez que ninguém !

Quem sabe se o pobre da vida cansado
Aos seos negros dias quer dar cruel fim ?
Quem sabe se o pobre por ser desgraçado
Procura a ventura ? — Talvez seja assim !

Os nítidos raios da lua formosa
Nas faces do vulto se forão poisar !
Que faces divinas ! que tez tão mimosa
Os raios da lua vierão mostrar !

Depois o seo manto tão preto e comprido
No pó do lagedo com forcea roçou !
Que formas divinas guardava o vestido
Do archanjô celeste que á terra baixou !

Depois de joelhos em frente á capella
Chorando ella fez fervorosa oração !
E a face mimosa, tão pura, tão bella,
Abatida encostou-a no frigido chão !

Milhões de torrentes de pranto innunlárão
Seos olhos tão bellos , — luzernas d'amor !
De seo niveo seio mil ais s'escapárão ,
Mil ais. . . . mil poemas sublimes de dôr !

Depois os seos olhos tão bellos, chorosos ,
Além no espaço dos céos se filarão ;
E os labios tão rubros , tão puros, formosos ,
Mil preces ao throno de Deos elevarão.

Depois, ella disse : « Tú, que és poderoso ,
« Que tens, sobretudo, tão grande saber ,
« Não deixes a pobre no mundo lodoso
« Sem ter um arrimo, Senhor, perecer !

« Outr'ora aqui vinha trajada de gallas
« Pedir-te p'r'a vida bem longa tornar ;
« Mas hoje que os homens, infames , só fallas
« Banaes e crueis desejão me dar ,

« Te venho pedir que cá deste mundo
« Depressa me leves , piedoso Senhor !
« A taça esgotado já tenho té o fundo ,
« A taça que encerra martyrios e dôr !

« Com falsos conselhos um homem malvado
« Me quiz de teo seio fazer tresmalhar !
« Um anjo mandaste p'ra ser a meo lado,
« Um anjo potente p'ra bem me guardar.

« Um dia , me lembro , que á outra menina ,
« Senhor, o teo anjo se foi a correr ;
« Fiquei solitaria, e a fera maligna,
« Ai ! quasi, Senhor, que me póde vencer !

« Agora estou livre d'aquelle malvado ;
« Depois de com elle mil luctas travar !
« Agora estou livre ! deixai que á teu lado
« Melhor existencia vá eu encontrar !

« Tu bem o disseste que o pobre innocente
« Aos pés do altar um abrigo acharia. . . .
« Disseste que a morte—teu braço potente
« A quem o insultasse depressa daria. . . .

« A c'róa divina tão bella e formosa
« Que dás á menina que á ti tem amor ,
« Ainda a conservo, que a fera raivosa
« Não pôde offendêl-a, guardaste-a , Senhor !

« Agora do corpo tirai-me esta vida !
« Agora á pureza mais força me dai !
« A morte mandai-me, que quero cumprida
« A doce vontade, de ver-te —meo Pai ! »

Passados instantes defronte á capella
Um corpo se via jazendo no chão !
— No mundo não qu'ria viver a donzella
E Deos a chamára á celeste mansão !

LVII.

ROSA EM BOTÃO.

Bemvinda tú sejas, Elisa formosa !
Que candida rosa que trazes na mão !
Qual foi a roseira que deo-te, ó querida ,
A imagem tão fida de teu coração ?

Aonde a buscaste ? Nos prados bemdictos,
Que tem infinitos primores, — de Deos ?
Ou foi entre as gallas d'um vaso dourado ,
Talvez que guardado por anjos dos céos ?

Eu sei ! eu bem sei ! ó Elisa formosa ,
Aonde essa rosa tú foste buscar. . . .
Eu sei ! foi teu vate que vendo-te bella
A rosa singella te quiz offertar !

Tú còras sorrindo ? — Tú julgas mentira
O que minha lyra te está á dizer ?
E' serio ! Não brinco ! — Tua rosa tão pura,
Signal de candura, te quiz off'recer !

Escuta ! Eu te conto da rosa faceira ,
Que tú, feliceira, me mostras na mão ,
A historia mimosa, tão linda, tão pura,
Tão pura qual teu juvenil coração !

Dormias ! que somno tão ledo, tão puro !
Mais puro que os anjos quizeste dormir !
Sonhavas comigo ! sonhavas contente . . .
Contente velava teu somno a sorrir !

Sorria por vêr-te co'a calma dos anjos ,
Dos anjos que cercão o throno de Deos ,
Dormindo em meo collo . . . Já tú te sorriste ! . . .
Sorriste . . . que risos tão lindos os teos !

Depois teos seios expandir quizerão
Celeste odôr,
E tuas faces juvenis tornarão-se
De rubra côr !

Erão teos labios, semi-abertos, bellos
Qual essa flôr,
Que tens agora em tua mão de fada,
O' meo amor !

Os teos perfumes me farião louco ,
O' meo amor !
E quiz um beijo offerecer ardente
A ti , ó flôr !

Ergui os olhos e além viçosa
Vi essa flôr ,
Pensei em ti , ó minha Elisa casta,
Meo casto amor !

Ao vêr a rosa inda em botão intacta ,
Toda frescor ,
Disse que um beijo arrebatava a vida
Da bella flôr !

E ficou triste o incendiado peito ,
Hécla d'amor ,
E além co'a vista procurei um'outra
Mimosa flôr !

E vi além de seo hastil pendida
Nas vascas d'agonia ,
Debater-se uma flôr , que fôra bella
Ao despontar do dia !

E pensei ! e tremi ! — Ardentes beijos
Da brisa da manhã
Fizêrão desbotar a rosa bella ,
Que fôra antes louçã !

E pensei ! e tremi ! — Toquei na rosa,
A rosa ao chão tombou !
Que bellesas ! que gallas ! que primores
A brisa lhe roubou !

E te dei essa rosa, que s'ostenta
Cheia de gallas em tua mão de fada,
Para mostrar-te, — na manhã da vida
Como se perde a bellesa, a graça, e encantos!

Para mostrar-te quanto é fugace
O prazer d'este mundo, e seos perfumes !
Como se quebra da rainha o sceptro
E esta fica misera mendiga !

Para dizer-te que a virtude santa
Qual essa rosa deve ter espinhos,
Que não deixem tocar-lhe mãos profanas,
Que lhe roubem as côres puras, bellas !



Ouviste, meo anjo, gentil feiticeira,
A historia faceira da rosa em botão ?
Pois bem eu te peço que a graves ligeira,
P'ra que não a esqueças, em teu coração !

LVII.

A PRECIPITAÇÃO.

Oh ! mana ! que moço bello
Por esta rua passou !
Tem tal *degagé*, tal luxo. . . .
Collarinhos á *Pinaud* !
E tanto garbo, que ao vol-o
Meo peito d'elle ficou !

Oh ! mana ! se tú olhasses
P'r'aquelle moço gentil ,
Terias tantos desejos. . . .
Terias gosos a mil !
Que luxo ! meo Deos ! Que luxo !
Que moço aquelle gentil !

A barba feita á ingleza
Lhe dava tal perfeição. . . .
O cabello penteado. . . .
Cabellos ! que lindos são !
Tinha tal luxo , que ao vel-o
Lhe dei o meo coração !

Não achas, mana, que tive
Um gosto que máo não é ?
Amar um moço bonito ,
Que tem tanto *degagè* !
Que luxo ! Tinha relógio ,
Eu reparei , de *plaqué* !

« Julia ! deixai-vos disso
« Que louca me pareceis !
« Amando um moço bonito
« Mas que não o conheceis !
« — Nem sempre traz o paquete
« Bôa fazenda, sabeis !

« Eu gosto d'um certo moço ,
« Que vós conheceis também ,
« Elle é pobre, não tem luxo ,
« Mas muita honra que tem. . . .
« E talento, que mais quero ?
« E' moço que gósto bem !

« Vós sabeis que o luxo às vezes
« E' máo indício ou signal. . . .
« Que encobre muita villesa,
« Muitos defeitos e al !
« Por isso fugi dô luxo ,
« Nós somos pobres. . . . faz mal ?

« Temos vivido com honra ,
« Como todo o mundo sabe ,
« E devemos ter amores
« Como á nós , pobres , bem cabe !
« E não luxo d'espavento. . . .
« Vamos que o ouro se acabe ?

Ora, mana, eu gosto tanto
De ter luxo, ter balão. . . .
« Mas não conheceis, Julinha,
« A cara de papellão
« Que infundio-vos taes desejos ,
« Que vos dêo tanta paixão !

« Póde ser que tenha brios
« Este moço que dizeis. . . .
« Mas é novo n'esta terra,
« E vós o não conheceis. . . .
« Observai-o primeiro
« E depois decidireis ! »

— Passou-se um dia ! No outro
A moça viu o Pascoal. . . .
Fez-lhe acenos e gambetas ,
E o principio não foi mal !
Este fallou-lhe sem pejo
Na união conjugal !

Ella saltou de contente,
E logo estendeo-lhe a mão. . . .
Pascoal que não era tolo
Deo-lhe um beijo com paixão !
O beijo foi com tal fogo !
Com fogo até de volcão !

Passou-se mais quinze dias ,
Do norte o vapor chegou. . . .
Que novas trouxe o paquete
Que tanta paixão gelou ?
— Não sei ! Forão certas novas
Que á Julia não agradou !

Ella teve uma cartinha,
De quem, não devo dizer,
Por ella soube — casado
O nosso Pascoal bem ser !
— Eu faço ideia da raiva
Que ella teve a carta ao lêr !

E Julia já déra o beijo. . . .
E tanto amor se gelou !
— Quem perdeu não sabe o vate ,
Mas foi Julia que ganhou ,
O luxo e enfeites custosos
E que mais pobre ficou !

LIX.

NO ALBUM

DE

HERMELINO JORGE DE LINHARES.

Aqui no meo quarto, de cal rebocado,
Olhando teo album me puz a chorar !
O pranto correndo da testa p'ra cima
Meos lindos mosquitos até fez dançar !

Chorava tão triste ! eis que sons suaves
Meos olhos ao tecto fizêrão volver. . . .
Meos lindos mosquitos dançando na corda,
As lyras douradas eu via tanger !

Que sons ! Que doçuras ! Que alegre alvorada,
Sem ser a *Campista*, tocavão além !
Bellini, Beethoven e até Paganini .
Celeste harmonia quaes elles não tem !

Dançavão na corda meos lindos mosquitos
A vêr s'extinguirão meo horrido *spleen* !
Baldados intentos ! — Meos languidos olhos
Buscavão teo album ! — Coitado de mim !

Que espiga ! dizia, — n'este album formoso
Versinhos mandarão viesse escrever !
Com lyra sem cordas, com dedos grosseiros,
Mosquitos ! disse-me, que devo fazer ?

Os mil tormentos que passei, amigo,
De meos mosquitos poderás saber !
Até que alegre em minha fronte um murro
Pôde estampar c'o mais febril prazer !

Achei um lindo pensamento n'ella
Qual jámais tive força é dizer !
Número as folhas, disse eu comigo,
Fica cumprido meo cruel dever !

Sessenta folhas ! exclamei ao cabo
Da tal tarefa, que me deo *spleen* !
— Mas o seo dono me pedira versos,
Disse, tremendo, da tarefa ao fim !

Peguei na penna que gosava ao longe
Praser celeste, dormitava então !
E d'abertura me lembrou o termo,
E o termo prompto me sahio da mão !

« Sessenta folhas, numeradas todas
« Com tinta preta, este livrinho tem !
« Servirão ellas p'ra guardar perfumes
« Que d'Amizade á muitas lyras vem !

« E como o vate que s'assigna abaixo
« Perdeo a lyra, que jámais possuio ,
« Sendo quasi d'escrever forçado,
« Este album lindo com prazer abrio !

« E' elle o templo onde a Amizade pura
« Com magestade desejou reinar !
« Sessenta folhas, são sessenta vasos ,
« Que só perfumes deverão guardar !

« Venhão amigos de seo joven dono
« Seos cantos puros escrever aqui ;
« Porque só tenho uma grosseira lyra ,
« E d'essa mesma os mil bordões perdi !

« Mas não se rião d'este termo aberto ,
« Por quem de versos nada entende : sim ?
« E só lamentem não querer Apollo
« Lyra dourada conceder á mim ! »

LX. (60)

MENSAGEM.

Fagueira brisa, leva á deidade
Que me offerece seo puro amor ,
Terno suspiro que em soledade
Lhe manda o amante, seo trovador !
Leva-o áquella
Que tem nas faces
Côres vivaces ,
Côres de amor !

Verás esse anjo , por quem só vivo ,
● Com seos cabellos do collo á flôr,
Verás no collo o que traz captivo
Seo terno amante, seo trovador !
Verás d'esse anjo
Nas puras faces
Côres vivaces ,
Côres d'amor !

Verás fitados talvez na lua
Seos lindos olhos — pharóes d'amor !
Verás suspiros da boca sua
Surgindo á medo, surgindo á flôr !

Verás d'esse anjo
Nas puras faces
Côres vivaces,
Côres d'amor !

Verás seo peito n'um doce enleio
Cantar saudosos cantos d'amor !
Cantos que outr'ora de prazer cheio
Teceo-lhe o amante, seo trovador !

Verás d'esse anjo
Nas puras faces
Côres vivaces,
Côres d'amor !

Verás saudades crúas carpindo
Por 'star auzente de seo amor,
Essa donzella, que goso infindo
Só dà ao amante, seo trovador !

Então nas faces
Lerás saudades !
Lerás saudades
Do trovador !

Então lhe dize dando o suspiro
Que ora lhe mando c'o meo amor ,
Que vivo triste, que só suspiro
Por ella. . . . ella !— Por ella. . . . flôr !
Dize-lhe, ó briza,
Dando o suspiro ,
Que só suspiro
Por ella. . . . flôr !

LXI.

VAMOS !

Meo anjo ! As rosas que teo rosto adornão
Que o tempo myrrhe não consintas, — não !
Tão pouco deixa que teos olhos negros
Pereão o brilho, — que me deo paixão.

Tambem não deixes que teos labios puros
Pereão as côres divinaes, gentis !
Nem que teo peito seja presa, victima ,
De feros, loucos, mundanaes ardís.

Amo-te muito , minha linda fada !
Depuz em ti o meo viver — com fé !
Só vivo vida ao contemplar-te, vêr-te !
De ti auzente que não vivo — erê !

Amo-te muito ! e muito mais te amára
Se tú deixasses de viver assim !
Se tú deixando de viver qual vives
Fizesses tudo quanto sinto em mim.

— Se tú fugisses de brilhar nas festas,
Se tú deixasses de ostentar fulgor,
Se a nossos lares tú volver quizesse ,
Eu te daria mais e mais amor !

Deixa esse luxo ! tú bem vês que te amo !
Deixa essas gallas, meo querido bem !
Eras mais bella no viver ingenuo ,
Eras, — dizião — divinal cecêm !

Foge, ó cecêm, desse dourado vaso !
Foge do luxo, de brilhar assim !
Embora pobre tú terás mais brilho
Vivendo ingenua nos teos lares , — sim !

Deixa a cidade ! Não irás sósinha
Viver no nosso innocentinho lar !
Porque minh'alma, meo pensar, meo peito ,
Por ti sómente deveráo velar.

Eu sei que digo ! Luxo e gallas hoje ,
Depois talvez que não as possas ter.
E embora pobre em nosso lar vivendo
Sempre virtuosa deverás tú ser.

Ainda é tempo ! — Quantos ais sentidos
Tem o jambeiro te mandado a ti !
E tú talvez nem suspirado tenhas
Por sua sombra , onde prazer fruí.

Ainda é tempo , — minha linda fada !
Vamos ao longe só de amor viver !
Vamos os prados, deleitosas veigas ,
Onde brincámos n'outro tempo , vêr !

Vamos ! Os montes que inda são os mesmos,
Que a nossa infancia—vimos nós — saudar ,
Ao vêr-nos hoje despirão tristezas,
Gallas, primores, deverão criar.

Do lago as aguas, do jambeiro os troncos ,
Astros que brilham lá no azul setim ,
A brisa e as aves , do jardim as flôres ,
Nossa chegada saudaráo assim :

— Sejam bemvidos os amantes fidos
Que buscão fidos seo querido lar !
Aonde a infancia lhes sorrio fagueira ,
Onde aprenderão a viver do amar !

Vamos, meo anjo ! A nosso lar voltemos !
Deixa do luxo, meo querido bem !
Embora pobre tú terás mais brilho
Vivendo ingenua no infantil Edén.

Lá, tú não temas de perder as rosas
Que tens nas faces, meo querido bem !
Lá, tú não temas que teos lábios puros
Percão as côres divinaes que tem !

Lá, tú não temas que teos olhos negros
Percão o brilho que me deo paixão !
Nem que teo peito seja presa , victima,
De fera , iniqua, mundanal traição.

Porque minh'alma velará a tua,
Porque meo peito guiará o teo !
Porque minh'alma bem ligada á tua
Terá pureza, como tem o céu.

Porque, — d'amores minha linda fada ,
Lá gosaremos o infantil viver;
Segunda infancia, ou meninice , — vamos
Meo anjo lindo , em nossos lares ter !

Vamos , meo anjo ! A nosso lar voltemos !
Deixa esse luxo , meo querido bem !
Serás mais bella no viver ingenua,
Embora pobre , no infantil Edén.

NOTA.

Foi sob a pressão terrível de um terrível sonho que escrevi estes versos.

A mente me estava afogueada de pensamentos, cada qual mais terrível em si, quando escrevi a poesia — VAMOS ! Depois cortei as quadras que podião ser rejeitadas por alguns leitores, — do que me arrependo, pois que vejo que de algumas ás immediatas a falta de transição directa é reconhecida, assim como a confusão de pensamentos que em algumas predomina, devido tudo, segundo penso, ao corte que dei naquellas quadras, onde manifestava o que havia sido — meo sonho.

Antes tivesse deixado a producção de minha mente afogueada tal qual a inspirou o terrível sonho e tal qual foi escripta ás trez horas da manhã de 25 de Fevereiro de 1863 !

LXII.

VIVAMOS DE AMOR !

Olhares de virgem, — de rosto rosado ,
De tranças de negra , formosa colôr,
De seios trementes, de labios virgineos,
São tacitas fallas de timido amor.

Os beijos que as brisas imprimem nas folhas,
Nas folhas douradas de candida flôr ,
São tacitas fallas que encerrão delirios,
Que guardão venturas de timido amor.

Por noite serena no céu azulado
Diana derrama seo nitido alvor,
Do alvor os effluvios ou raios suaves
São candidas fallas de timido amor.

Nos prados correndo suave ribeiro
Cò'as aguas douradas do sol ao fulgor,
Ou tendo nas aguas a còr argentina,
Que dá-lhes a lua, — só falla de amor.

As notas de flauta dos ermos corlando
O triste silencio — por noites de horror,
Se fallão,—suspirão,—suspirão saudosas
Ou chorão perdidos enlevos de amor.

As vagas batendo de encontro aos rochedos
Que fallas que dizem no horrivel fragor?
— Suspirão p'las praias aonde nascêrão
Talvez embaladas por sonhos de amor.

Se os prados se adornão de verde roupagem;
Lá quando o sol surge com aureo fulgor,
E a cada momento de gallas se veste,
E' que tem esp'ranças, tem crença no amor.

As aves poisadas, — se a aurora formosa
Desponta, cercada de roseo fulgor,
As aves, eu digo, — nos troncos das arv'es
Só fallão, só cantão cantigas de amor.

As aguas do lago de leve movendo-se
Se as brisas das tardes lhes beijão a flôr,
Palpitão, se enleião, — desejos guardando
Guardando futuros, — na vida de amor.

Pois bem, minha virgem ! Se são teos olhares
As tacitas fallas de timido amor,
Meos cantos, — suspiros d'um'alma que soffre,
Te pedem , supplicação — teo timido amor.

Não côres, ó virgem , porque teo poeta
Deseja que gosos lhe dê teo amor ,
Os gosos que quero são tão innocentes
Que bastão p'ra dar-m'os tuas fallas de amor.

As brisas nas folhas das flôres se paixão,
Se a lua derrama seo nítido alvor ,
Se os rios de maaso nos prados deslisão ,
Se a flauta suspira se a noite é d'horror,

Se as vagas se quebrão d'encontro aos rochedos,
Se os prados se adornão de verde colôr ,
Se as aves descantão , se as aguas do lago
A brisa beijando-as — suspirão á flôr :

E' que vivem presos na doce cadeia,
Nos laços formosos , chamados — amor,
E' que só desejão na vida ter flôres ,
Ter gosos , delicias , delirios de amor.

E tú linda virgem de olhar velludoso
Que tacito falla d'um timido amor,
Porque não imitas a linda natura,
Porque não m'off'reces teo timido amor ?

Eu quero ter gosos , delicias, delirios,
Delirios eu quero nos cantos de amor !
Não quero mais nada ! Responde-me, virgem!
— Não queres, não dás-me teu tímido amor ?

O' virgem, sorris-te ?—Abraço-te !—O peito
Deseja, suspira teu tímido amor !
Agora sigamos a linda natura,
Donzella, vivamos a vida de amor !

Ligados , unidos , bem presos os peitos
Nas doces cadeias chamadas — amor ,
Digamos , donzella : — que á linda natura
Fieis imitamos ! — Vivamos de amor !

LXIII.

INTIMA.

Despe essas gallas , ó brilhante lua ,
Que ao triste vate já prazer não dão !
— Outr'ora Elisa me sorria leda ,
Hoje. . . . seos risos para mim não são !
Despe essas gallas , tua face esconde ,
Porque saudades só me podem dar !
O' lua, fuge ! não me dês teo brilho ,
Porque teo brilho só me dá pesar !

Se Elisa , a bella, qual outr'ora fida
Fosse á lua face com prazer sorrir ,
Então teos raios me darião vida ,
Então gostára de te vêr fulgir !
Mas como vivo em desespero fero
Porque a perjura me não quer amar ,
O' lua , fuge ! não me dês teo brilho ,
Porque teo brilho me dá só pesar !

Eu tinha então celestial ventura
Quando te via para mim sorrir ,
Porque sabia que em teos raios lindos
Suspiros d'ella deverião vir !
Mas hoje sei que seo amor infundo
A outro vale quiz Elisa dar !
O' lua, fuge ! não me dês teos raios,
Porque me fazem d'esse amor lembrar !

Tú bem compr'endes as intensas dôres
Que este meo peito a devorar estão !
Porque tú sabes d'esses meos amores ,
Porque hoje choro e me lamento em vão !
D'esse amor puro de meos doze annos
E cuja historia ella te quiz contar !
E como sabes não me dês teos raios
Que só me fazem d'esse amor lembrar !

Foi...já me lembro ! . . . n'um virente prado
Que a face d'ella pôde bem eu vêr !
Foi n'essa face que sonhei venturas ,
Foi esse sonho que me fez viver !
— E tú nos vias , ó brilhante lua,
E nós te viamos para nós olhar !
Elisa quiz que testemunha fosses
D'esse primeiro quão fugace amar !

Vi-a. . . . e tambem ella me tinha visto !
Amei-a. . . . e ella já me tinha amado !
Ella me tinha em seo sonhar previsto ,
Eu já a tinha com prazer sonhado !
E a chamma pura do amoroso enleio
A tua luz é que me pôde dar !
— Gelou-se o fogo ! não me dês teu brilho ,
Porque teu brilho me dá só pesar !

Passarão-se annos ! Nossos fidos peitos
Amor intenso transformára um só !
Depois. . . ai ! triste ! — tanto amor e juras
Forão lançadas do desprezo ao pó !
E até Elisa sobre a face tua
Seos lindos olhos não mais vi fitar !
O' lua, fuge ! não me dês teos raios ,
Porque me fazem d'esse amor lembrar !

Quantas saudades d'esse amor infante
Ora do peito vão surgindo á flor !
Quantas saudades ao te vêr brilhante ,
O' lua, tenho d'esse infinto amor !
— Quantos suspiros recebi d'Elisa
N'esses teos raios e mandei lhe dar !
Mas. . . fuge ! ó lua ! não me dês teos raios
Porque me fazem d'esse amor lembrar !

E eu não devo me mostrar saudosos
De quem meos cantos despresou e amor !
Porque rir-se-hia da saudade minha
Quem já meos prantos mitigou e dôr !
E como a historia d'esse amor infundo
Sabes , porque ella já te quiz contar ,
O' lua, fuge ! não me dês teu brilho ,
Porque teu brilho me dá só pesar !

LXIV.

A' SERAFIM DOS SANTOS SOUZA.

(RESPOSTA.)

Não pódem ter os meos mesquinhos cantos
As gallas, harmonias e os encantos
Que me dizes — contem !
Porque não se balança sem orvalho
Fresca e garbosa no mimoso galho
A rosa — ou a cecêm !

E' preciso primeiro que os albores
Lhe vão dourar as folhas dar-lhes côres
E que a bafeje o amor !
E' preciso que a seiba lhe não falte ,
Senão não possuirá formoso esmalte ,
Não terá nunca olôr !

Assim, ó meo amigo, inda os albores
Da philosophia idade dos cantores
 Porque me não chegou,
Meos cantos não tem gallas e harmonias,
Não tem côres sublimes, nem magias. . . .
 A idade me faltou !

Se canto, é que da vida os vis enganos
A fronte que só tem desoito annos
 Não quer — não quer saber !
E' que tenho no peito a seiba forte
Da creença no amor — e não a morte
 E não tenho o deserer !

Tambem d'algumas flôres o rebento,
Assim espera e crê — achando alento
 No crêr — no esperar !
Embora lhe não doure os botões bellos
Fragrante orvalho, — mesmo assim singellos
 Estes pôdem amar !

Assim embora falte á minha lyra
A instrucção ou doçura — ella suspira
 Por noites de luar. . . .
Porque se não tem gallas tem esp'rança
De no porvir as ter. E' bella a esp'rança !
 Elisa é seo altar !

No céu aonde existem Azevedo,
Casimiro d'Abreu, joven Macedo,
E outros sóes assim,
Nunca brilhará estrella opaca,
Porque lhe não dá luz Dante ou Petrarca,
Camões ou Bernardim !

NOTA.

A poesia de meo amigo Serafim dos Santos Souza, de Bagé, não acompanha esta porque em algumas partes o meo mesquinho poetar é muito elogiado, e o meo nenhum merito muito elevado. Peço-lhe desculpa do que fiz, mas tenho como um dever sagrado viver modestamente em tudo. — Si fosse escripta a poesia de meo amigo Serafim dos Santos Souza n'outro sentido que não o de julgar — meo mesquinho poetar, tão bondosamente como julgou, — me apressaria em ornar as paginas de meo volume com sua poesia — primorosa.

LXV.

MEU PENSAMENTO.

Quando d'aurora cores brilhantes
No céu espalhão doce alegria ,
Quando das aves a melodia
Fendendo os ares vem ter a mim ,
E que em murmurios o ribeirão
A's açucenas conta segredos ,
Aqui, á sombra dos arvoredos ,
Meu pensamento só vive em ti !

Doces instantes gosão as flores
Quando beijadas são pela brisa ,
Eu bafejado por ti , Elisa ,
Fui e prazeres também senti !
Mas hoje á sombra dos arvoredos ,
Mas hoje ausente de minha vida ,
Vejo a natureza — mas, ó querida ,
Meu pensamento só vive em ti !

Soltão as aves formosos cantos ,
Fallão segredos os ribeirinhos ,
Alegre forma nos ramosinhos
Ninho d'amores a jurity !
Só eu na lyra tenho saudades !
Gravo nos troncos teu nome lindo ,
E n'esse instante com goso infindo
Meo pensamento revôa a ti !

Tem as florinhas ledos perfumes
Com que saúdão a linda aurora ,
Só com saudades a lyra chora,
Tristezas tenho sómente em mi !
Embora eu veja sorrindo a aurora ,
Soltando cantos os passarinhos,
Fallando amores os ribeirinhos ,
Meo pensamento só vive em ti !

Teo nome gravo com goso infindo
Aqui nos troncos dos arvoredos ,
E ao graval-o quantos segredos
Do peito fogem, não digo a ti !
Digão-te as rosas nos seus perfumes ,
Digão-te as aves no seu trinar ,
Diga o regato no murmurar
Se meus segredos não mando a ti !

A aurora diga , digão estrellas ,
Ai ! quantas vezes hei suspirado !
Diga teu nome por mim gravado
Mais de mil vezes nos troncos, 'hi !
Diga esta lyra que 'stou tangendo
Se meos suspiros não são só teos !
Se quando os olhos volvo p'r'os céos
Meo pensamento não volve á ti !

LXVI.

F. e F.

Rosadas ambas ! ambas tão formosas !
Iguaes á aurora !
Iguaes á nuvem que do sol a ida
No occaso chora !

Ambas na fronte iguaes corôas tinham !
Igual fulgor !
Tinhão na fronte virginaes corôas ,
C'róas de amor !

Nas faces tinham seductoras rosas ,
Fogo no olhar !
Derão-me enlevos as formosas tranças
No ondular !

Os braços de ambas que formosos que erão !
Côr de marfim !

E os labios —rindo — que formosos que erão !
Côr de carmim !

Ambas irmãs na virgindade, em tudo !
Bellesa e porte !

E gemeas vivem no gosar d'amores
A mesma sorte.

Senti por uma— sympathia viva ,
Por outra — amor !

Tive uma em mente e decantei a outra ,
Não foi error !

Porque ambas erão tão rosadas , bellas ,
Iguaes á aurora !

Iguaes ás nuvens que do sol o brilho
No occaso irrorra !

Erão —dir-se-hia,—as divindades bellas
Zephiro e Flóra !

LXVII.

A MORENA.

Eu disse á certa morena
Que sentia muito amor
Por virgem, que d'açucena
Tinha os perfumes e a côr,
E vai pergunta a morena :
— Corresponde a teu amor ?

Eu disse então á morena :
Que te importa meo amor ?
Vai ella diz:— a açucena
Tem por um só dia côr.
Assim, prosegue a morena ,
Durará o teu amor !

Porque és maldosa, ó morena ?
Porque zombas d'esse amor ?
Não sabes tu, ó morena ,
Que não destróes esse amor ?
E vai diz ella:—a açucena
E' de mentirosa côr !

Já se vio ? ! . . . Ah ! tu, morena ,
Não tens fé no meu amor ?
Porque ? porque d'açucena
Tem a virge' a nivea côr ?
E' pallida e não morena.
Dá esperanças no amor.

E essa,— disse a morena ,
A quem consagras amor,
E' falsa ! A côr d'açucena
E' emblema de falso amor !
— P'ra que mentes, ó morena ?
Falsa é tua feia côr !

*
*
*

Adeos, adeos, ó morena !
Já sei o que diz tua côr !
Queres que lance a açucena
Ao desprezo, e dê-te amor !
Ah ! tu, morena, morena ,
Queres gozar meo amor !

Adeos, adeos, ó morena !
Não te posso ter amor !
Quero essa linda açucena ,
Quero essa formosa flôr !
Adeos !—mentiste, ó morena ,
Para ganhar meo amor !

Adeos ! que és falsa, ó morena !
E' falsa tambem tua côr !
Eu de ti não tenho pena ,
E nem te darei amor !
Adeos, morena, morena !
Adeos ! te digo sem pena !

LXVIII.

SUPPLICA.

Ai, donzella, p'ra que no meo peito
Tu lançaste tão forte paixão ?
Ai p'ra que consentiste que um leito
Te fizesse de meo coração ?
Ai p'ra que me abrazaste, ó donzella,
N'uma chamma d'amor divinal,
Se teu peito por outrem só vela,
Se meo peito presente um rival ?

Pois quizeste, donzella formosa,
Abrasar o meo peito d'amor,
P'ra depois qual gentil mariposa
Alem ires beijar outra flôr ?
E deixar o meo peito inquieto
A sonhar em prazeres sem fim,
P'ra depois teo olhar indiscreto
Me dizer que tu zombas de mim ?

Eu pensava que tu me offertavas
D'amor puro o divino fulgor !
Mas, ai quanto, donzella, zombavas
De teos olhos desenha-se á flôr !
Porque os vejo fitados na terra ,
Porque os vejo dos meos a fugir !
Ai se amer no teu peito se encerra
Os teos olhos só sabem mentir !

Dá-me um raio, um só raio de fogo
De teos olhos, ó candida flôr !
Que verás de joelhos, ai logo ,
Te fallando segredos d'amor !
Que só fites teos olhos formosos
Nos meos olhos, nos canticos meos ,
Ou então no volver pressurosos
Que se filem, te peço, nos céos !

LXIX.

TRISTEZA.

Vem cá, Elisa, minha doce amiga,
Vem e mitiga minha dôr sem fim !
Toma em teos braços minha fronte ardente ,
Vem, innocente, dar prazer á mim.

Lembras-te ainda d'esses dias puços
Em que futuros eu sonhei no amar ?
Lembras-te ? Eu choro meu gentil passado !
Vem, anjo amado, minha dôr sanar !

Choro o futuro, que tyranna sorte
Deo triste morte, no rojal-o ao chão !
Lindo futuro que sonhei infante ,
Rico diamante porque choro em vão !

A's vezes vemos no formoso prado
Ao chão rojado — divinal botão. . . .
Fanou-se. . . é murcho ! Tal está meu peito ,
Tal é o effeito de infeliz paixão !

Que lindos sonhos ! que gentil aurora
Meo peito chóra no arfar febril !
Elisa, amiga da querida infancia,
Vem dar fragrancia a meo quebrado hastil.

Chóro, ó querida ! Vem trazer-me encanto !
Vem a meo pranto lenitivo dar !
Toma em teos braços minha fronte ardente ,
Vem, innocente, minha dôr sanar !

LXX.

A' TARDINHA.

(1862.)

Ai, vem, archanjo lindo ! —a tarde é bella !
Tem flôres o jardim, nuvens o espaço !
Tem as aves de amor canção singella
Dos ramos do arvoredo no regaço !
Minha lyra por ti sómente véla
Tendo em si a saudade e amor n'um laço !
Agora o sol é brando, já não arde !
Ah ! vem, archanjo lindo ! E' bella a tarde !

Aqui e além pepitão seos amores ,
Tão puros como os raios de Diana ,
A rola e o noivo: aqui e além das flôres
Doce perfume, divinal, emana.
No firmamento tinto d'aureas eôres
Vê-se fulgir o sol com luz tão lhana !
Ai vem aos braços meos, archanjo lindo ,
D'amores pepitar, fallar, sorrindo !

Não é tão bella a tarde ? Não tem gallas
O monte, o prado, o valle e o firmamento ?
Não tem a meiga rola d'amor failas
Com que o noivo entretém, lhe dando alento ?
Minhas flores como tu exhalas
Não exalão perfumes, de contento ?
Tem mil gallas a terra, os céos e a brisa ,
Mas não me vens mostral-as, anjo, Elisa !

Porque não vens, Elisa ? Eu soffro ! choro !
Soffro cuidados de amor, de amor saudade !
Saudades só de ti, de ti que adoro
Com amor — cujo termo é a eternidade !
E agora que é tão bello o céo, que d'ouro
Tem a côr refulgente, — na soidade
Porque não vens, encanto de meus sonhos,
Dar-me instantes de amor, bellos, risinhos ?

Acaso tu não sabes que um instante ,
Um instante d'amor traz-nos mais gosos
Que annos mil de saudade devorante ,
Inimiga de sonhos venturosos ?
Não sabes que minh'alma delirante
Embora veja o sol, sem os formosos
Olhos teos presentir, fica sem calma
Sem suaves enleios, d'amor palma ?

E agora quanto custa tua ausência !
Quanto custa saudade ter no peito
Sem ter quem a mitigue, abrande ou pense-a
Com risos, ledas festas, brando geito !
Quão penosa será minha existência
Não tendo mais d'amor o doce effeito !
Sem vêr quem deo-me outr'ora ternos cantos,
Tantos sonhos d'amor, d'amor encantos !

Amor, fonte suave de delicias,
Paraíso da terra, d'ella encanto,
Quão gostosas que são tuas caricias !
Como inspiras á lyra doce canto !
Mas quando te afugentas mil blandicias
São mudadas em triste, amargo pranto !
Amor, amor, amor, vem dar-me gosos !
Traz-me a virgem dos sonhos vaporosos !

E tudo riso e festa, encanto e galla !
Tudo encerra prazer suave, ethereo !
Só não as fibras de minh'alma abala
Doce alegria, e sim cruel mysterio !
Elisa foge e me arremessa a bala
Da saudade cruel, que dá funereo
Pensamento á minh'alma e peito e lyra
Que d'amor ou ventura não suspira !

Fugio ! . . . Aqui, além, ou longe ou perto ;
E' sempre bello o céu, é sempre azul !
Menagem, gloria e amor á Elisa é certo
Como é certo que o céu é sempre azul !
— Do sonho meo d'amores sou desperto !
Não mais d'amor serei ebrio, tãful !
Porque amor se nos dá fugaces gosos
Reserva-nos mil dias tormentosos.

LXXI.

A MINHA FADA.

Tinha nos olhos um fulgôr suave ,
Nas lindas faces infantis colôres ,
Nos cabellos formosos tinha encantos ,
A minha linda fada dos amôres.

Nos labios como a furto lhe pairava
Sorriso doce, de ideias primôres ,
Na fronte tinha a virgindade impressa
A minha linda fada dos amôres.

Tinha no collo da virtude o templo ,
Tinha nos braços divinaes primôres ,
No porte tinha encanto e magestade
A minha linda fada dos amôres.

As fallas que seo peito murmurava
Tinhão sons e harmonia seductôres ,
Belleza em tudo, em tudo tinha encanto
A minha linda fada dos amôres.

Tinha candida rosa no vestido ,
No vestido sómente niveas côres ,
Nas côres a pureza se mostrava
Da minha linda fada dos amôres.

O seo vestido branco retratava
De su'alma talvez os mil fulgôres ,
Pureza tinha em tudo ! em vestes, n'alma,
A minha linda fada fada dos amores.

LXXII.

DESCULPA.

No album da Exm^a. ***

N'este livrinho onde a virtude mostra-se
Cheia de brilho, c'o gentil amor ,
Que póde a penna que manejo tímido
Deixar escripto, que lhe dê fulgor ?

Cantos, idéas, pensamentos inelitos ,
Eu não possuo, nem nas phrases leis !
Nem mesmo escreve minha penna trémula
Onde escreverão já poetas—reis !

Desculpa escrevo que se torna válida ,
Porque a verdade representa bem.
E' a desculpa desta lyra ingénua
Que vós respeita e que trovar não tem !

LXXIII.

DEIXA ...

Ao suave brilhar d'esses teos olhos ,
Ao formoso ondular de tuas tranças ,
Prendi, sonhando flôres, meo futuro ,
Embalo, ebrio d'amor, mil esperanças.

Não apartes teos olhos de meos olhos ,
Nas fitas não mais prendas tuas tranças ,
Deixa que firmes sejam meos sonhos ,
Que ondulem amorosas esperanças.

Deixa que a teos olhos meos sonhos ,
D'um futuro d'amor e de bonanças,
Prendidos sejam, — mas que ondulem sempre
Com tuas tranças minhas esperanças.

Futuro de bonanças . . . não aneio
Senão por n'elle ter gosos d'amores ,
Meos olhares ligando a teos olhares ,
Que ao peito meo darão ethéreas flôres.

Flôres sonhadas ao sentir o fogo
D'esses teos olhos, de ideias primores ,
Flôres tão puras quaes tuas brancas vestes,
O' minha linda fada dos amores.

Eu resumo o futuro em esperanças ,
Meos enlevos e tão sonhadas flôres ,
Qual no branco vestido resumiste
A pureza que tens, fada de amores.

LXXIV.

UMA SÓ VEZ.

Uma só vez que tu suspires —basta
P'ra que minh'alma comprehenda a tua ,
Como do rio o murmurio doce
Compr'ende o puro fulgar da lua.

Uma só vez que tu murmures— amo-te
A minha vida tornarás brilhante !
Novo Jordão de esperançosas aguas
E' essa phrase para um peito amante.

Uma só vez no me beijar a fronte
Dar-lhe-has corôa d'immurchavel gloria !
Minh'alma terna que por ti suspira
Verá que teve sobre ti victoria.

Uma só vez se te estreitar ao peito
Goso terei que nunca foi gosado !
Direi que tudo quanto o céu e a terra
Em si conservão não me foi negado !

LXXV.

POEMAS.

Poemas — são as nuvens divagando
Em tarde amena n'amplidão dos céos.
Estrellas que diffundem puro brilho
Poemas — são que fallão-nos de Deos.

Poemas — são os raios frouxos, brandos ,
Do sol no occaso a nos dizer adeos.
Poema — é o brilho que derrama a lua
Vagando á noite no setim dos céos.

Poemas — são as brisas perpassando
Nas lindas folhas de innocente flôr.
Ondas do mar relatão-nos — poemas
Ao quebrar-se nas rochas com fragor.

Poemas— são das aves os trinados
Quando a manhã lá surge prazenteira.
Os murmurios das fontes são — poemas,
Do lago a placidez que não se altera.

Poemas— são as flôres destes prados ,
Dos prados a roupagem tão louçã.
As serras, veigas, mattas, e florestas,
Poemas— nos recitão de manhã.

Poemas— são das arvores a folhagem
A' tardinha ou á noite se agitando.
Areias prateiadas pela lua
Ao mar estão —poemas— recitando.

Poemas são —de lindos argumentos
O dia e a noite, a primavera e o inverno.
Poemas— diz a tímida araponga
As azas dando a matinal galerno.

Ah ! tudo quanto vemos são —poemas
Que narrão maravilhas do SENHOR !
Nuvens, estrellas, brisas, veigas, prados,
Areias, lago, e mar, arv'res, e flôr !

O dia e a noite, a primavera e inverno ,
Do que existio— emblema, ou subsiste,
Proclamão nos —poemas— que murmurão
A grandeza de Deos — que Eterno existe.

A nossa vida, ó virgem de minh'alma ;
Não será um—poema,— onde teo rosto
Os argumentos são, onde tu'alma ,
Meo peito e lyra—são todo o composto ?

Não são —poemas— os teos lindos olhos,
Os teos virgineos lábios, e cabellos ,
A tua fronte a se adornar de glorias ,
De teos seios formosos os anhelos ?

Não são —poemas— teos suspiros doces ,
Que partem de tu'alma ou de teo peito ?
Não dizem elles que de Deos as glorias
São infinitas, e lhe rendem preito ?

Eu digo —sim !— que todo esse teu corpo
E' um —poema—, que resume tudo
Quanto de bello o Eterno ha procreado,
Embora no expressar tacito, mudo !

Se tu elevas a fronte prazenteira,
Se ergues teos olhos aos infindos céos,
Tremem-te os seios,— mostram-se bellezas
Em todo esse teo corpo , e dizes —DEOS !—

LXXVI.

ESPERA.

Quando a noite desdobra o casto manto
D'estrellas mil, tão bellas, semeado ,
Pender deixas a fronte, e amargo pranto
Porque banha teu rosto avelludado ?

Talvez, lamentos teu passado lindo,
O gosar de teos lares e arvoredos ?
Onde sonhámos —eu e tu— sorrindo
Um futuro formoso—entre segredos ?

Porque cerca tua fronte agra tristeza ?
Porque chóras, ó minha linda fada ?
Teo passado foi bello ! —Essa belleza
De que vale ao presente ? —Nada ! nada !

O passado foi bello ! porque tinha
Os risos infantis, e festas, flôres ?
— Teo presente um futuro te adevinha
Mais rico de venturas e de amores.

Espera no futuro ! Não mais chores
Com saudades de teu gentil passado.
Espera gosar festas nos amores !
Limpa o pranto do rosto avelludado !

Se vês vagar no céu nuvens douradas,
Lá quando o sol se esconde no occidente,
Se são tuas negras tranças embaladas
Da brisa ao sopro, — o que tu'alma sente ?

O que sente tu'alma ? se teu peito
Solta tristonho, entre ais, tantos suspiros ?
Pendida a fronte, — da virtude leito
O que sente tu'alma, — entre deliros ?

Tambem lamenta teu passado lindo ,
O gosar de teos lares e arvoredos ?
Onde sonhámos — eu e tu — sorrindo
Um futuro formoso — entre segredos ?

Ou tu pendes a fronte porque seismas
Que o futuro é de dôres e pesares ?
— Ai sei meu anjo, de tua mente prismas
Reflectem a belleza de teos lares.

Não penses no futuro, meo archanjo !
Porque Deos—ai ! que lindo—deve dar-te !
Talvez que Deos já o entregasse a um anjo
P'ra tornal-o brilhante e p'ra velar-te !

.

Os teos lares, te digo, nós veremos
Ai quando tu quizeres, minha fada !
Ahi a nossa infancia reveremos
De mais gallas e festas adornada !

Não deixes mais pender a fronte bella !
Não suspires, te peço, com tristeza !
Crê no futuro porque um anjo o vela !
Crê n'esse archanjo porque tem pureza !

Espera no futuro ! Não mais chores
Com saudades de teo gentil passado !
Espera gosar festas nos amores !
Limpa o pranto do rosto avelludado !

LXXVII.

* * * * *

Se tu és anjo lá do céu descido ,
Se o céu d'amor por astros tem venturas,
Eu quero só te amar !— viver prendido
A's tuas fallas sedutoras, puras !

Se tu não és archanjo ,
Se o céu astros não tem,
Embora, embora, ó anjo,
Serás sempre — meu bem !

Se tens belleza divinal na fronte ,
Se da belleza a c'roa é a virtude ,
Eu quero só te amar !— viver insonte
Cantando o teu primor na lyra rude !

Se tu não tens belleza,
Virtude n'alma—sim,
Embora ! tua pureza
Inspirará a mim !

Se tu, Elisa, crês n'almo futuro ,
Futuro de prazeres e delicias ,
Eu quero só te amar ! Meo anjo puro
Vem dar ao peito meo tuas caricias !

Se n'um porvir de goso
Ah ! tu, joven, não crês,
Me fazes desditoso !
— Mas, cumpro tuas leis !

Se esse teu peito sente pura chamma ,
Chamma d'amor a dar-lhe doce anhelos ,
Eu quero só te amar ! Meo ser inflamma !
Eu quero só te amar, meo sonho bello !

Mas se teu peito é frio ,
D'amor s'elle é jazida ,
Aqueço-te, ou esfrio !
Morro, ou dou-te vida !

Se tu tens fé no Deos, que Eterno existe,
Autor de tudo quanto a ideia avança ,
Eu quero só te amar ! Meo ser consiste
Em ter no Eterno fé, em ti 'sp'rança !

Mas se não crês no Eterno...
— E's anjo e crês em Deos !
Entrego o peito terno
A ti, e os cantos meos !

Se tú tens n'alma da virtude o templo,
Se n'esse templo humanos não penetrão,
Eu quero só te amar ! — seguir o exemplo
Dos anjos que também amor te impetrão !

Se não és virtuosa,
Se gosão-te os humanos,
Ai ! morte vem piedosa
Matar-me a flôr dos annos !

Se tu és anjo, se tua fronte é bella,
Se crês no Eterno e n'um futuro lindo,
Eu quero só te amar ! — criação bella
Que és tu d'um sonho tão formoso e lindo !

Se astros d'amor são gosos,
Se tu sentes amor,
— Que sonhos venturosos ! —
Eu quero teu amor !

Se tu anjo não és, mas tens virtude,
Embora tu não tenhas a belleza,
Eu quero só te amar ! — A' lyra rude
Inspiração dará tua pureza.

Se não tens no teu peito
D'amor a diva chamma,
Vem ! minh'alma e peito
Te darão essa chamma !

Se tu não crês no Eterno que creou-te ,
Se não queres curvar-te a seo poder,
Eu quero só te amar ! A vida dou-te !
Matar-me vem ! . . . não quero mais viver !
 Não quero pois a vida ,
 Mas hei de sempre amar-te !
 Serei sombra esquecida
 E sempre a acompanhar-te!

Então direi : Sonhei que archanjo lindo
A' vida minha dava lindas flôres !
Mas guardava no seio esse anjo lindo
A morte para mim — martyr d'amores !
 Sonhei ?— Ah! tudo é sonho !
 Que um anjo qual tu és
 Crê n'um porvir risonho
 E em Deos, — qual, anjo, crês!



INDICE.

	Dedicatoria	pagina	5
	A' * * *	»	7
I	Deos	»	9
II	Minha Mãe	»	12
III	Vela meo canto	»	16
IV	A engeitada	»	18
V	Seo nome.	»	21
VI	A pobresinha.	»	23
VII	A' * * *	»	26
VIII	Canto da innocente.	»	28
IX	O pescador	»	30
X	Amor do céo	»	33
XI	O nosso juramento	»	34
XII	A vida.	»	39
XIII	A rosa e a avesinha.	»	44
XIV	Consolação.	»	48
XV	Eu e Elisa.	»	52
XVI	Conselhos	»	55
XVII	A rosa	»	57
XVIII	Porque coraste ?	»	59
XIX	Saudades	»	62
XX	Só a walsar	»	65
XXI	Ao retrato de Elisa	»	68
XXII	A flôr de Tupá	»	70
XXIII	A mulher	»	74
XXIV	Na rêde.	»	77
XXV	Um beijo	»	97

XXVI	Enleios	pagina	81
XXVII	Amor	»	83
XXVIII	Lucrecia	»	85
XXIX	O desejar de amor.	»	89
XXX	Recordação.	»	91
XXXI	Desmaios	»	93
XXXII	A cabocla	»	95
XXXIII	O marinheiro enfermo.	»	106
XXXIV	Dormindo	»	109
XXXV	Appareceste	»	114
XXXVI	Os olhos d'ella.	»	117
XXXVII	Sonho	»	120
XXXVIII	A folha-cahida.	»	123
XXXIX	Desalento	»	127
XL	Vieste ?	»	131
XLI	O beduino.	»	135
XLII	A's armas !	»	138
XLIII	Eu soffro e calo	»	141
XLIV	Ah ! tu não sabes !	»	143
XLV	Do que mais gosto.	»	145
XLVI	O adeos do soldado	»	148
XLVII	E's tú Elisa	»	151
XLVIII	O teu sorriso	»	153
XLIX	No album de Henrique Affonso Vera	»	155
L	Maldicção de um pagé	»	157
LI	Fazes bem !	»	159
LII	A' meo amigo — Eliseu Guilherme da Silva.	»	162
	Impressões de amor.	»	164

III

LIII	Poder dos versos.	pagina	175
LIV	Os teos olhos.	"	179
LV	Amores.	"	181
LVI	Voto cumprido.	"	183
LVII	Rosa em botão	"	187
LVIII	A precipitação	"	191
LIX	No album de Hermelino		
	Jorge de Linhares.	"	196
LX	Mensagem.	"	199
LXI	Vamos!	"	202
LXII	Vivamos de amor !	"	207
LXIII	Intima.	"	211
LXIV	A' Serafim dos Santos		
	Souza	"	215
LXV	Meo pensamento.	"	219
LXVI	F. e F.	"	222
LXVII	A morena.	"	224
LXVIII	Supplica	"	227
LXIX	Tristeza	"	229
LXX	A' tardinha	"	231
LXXI	A minha fada.	"	235
LXXII	No album da Ex. ^{ma} * * * .	"	237
LXXIII	Deixa	"	238
LXXIV	Uma só vez.	"	240
LXXV	Poemas.	"	241
LXXVI	Espera.	"	244
LXXVII		"	247



ERRATAS.

PAGS.	VERSOS.	ERROS.	EMENDAS.
11	17	Eu seu !	Eu sei !
16	6	este	estes
17	6	vela ó meu	vela o meu
20	14	hera !	hera
22	9	divisa	devisa
24	19	se quer	sequer
61	14	amar	mar
95	1	dispontou	despontou
»	3	circulea	cerulea
»	7	arvorada	alvorada
»	11	dispontou	despontou
112	7	sedentes	sedentos
129	3	te	té
»	4	té	te
167	7	fugio t	fugio !
168	24	desejos.	desejos ,
170	8	Porgue	porque
172	18	fronte,	frente,
174	1	Eu	E
189	1	farião	fizerão
208	15	veste	vestem
209	11	maaso	manso
236	12	minha fada fada	minha fada